

FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS  
ESCOLA DE ADMINISTRAÇÃO DE EMPRESAS DE SÃO PAULO

MARINA RAMOS MARQUES DE CARVALHO

**Organizações e o Fenômeno da “Cracolândia” no Bairro Luz: um estudo empírico**

SÃO PAULO - SP  
2012

MARINA RAMOS MARQUES DE CARVALHO

**Organizações e o Fenômeno da “Cracolândia” no Bairro Luz: um estudo empírico**

Relatório de Pesquisa apresentado à Escola de Administração de Empresas de São Paulo da Fundação Getúlio Vargas como requisito do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) do CNPq/GVpesquisa.

Campo de conhecimento:  
Estudos Organizacionais

Orientador: Prof. Dr. Rafael Alcadipani

SÃO PAULO - SP  
2012

## **FICHA CATALOGRÁFICA**

--

MARINA RAMOS MARQUES DE CARVALHO

**Organizações e o Fenômeno da “Cracolândia” no Bairro Luz: um estudo empírico**

Relatório de Pesquisa apresentado à Escola de Administração de Empresas de São Paulo da Fundação Getulio Vargas como requisito do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) do CNPq/GVpesquisa.

Campo de conhecimento:  
Estudos Organizacionais

Data da aprovação: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

**Banca Examinadora:**

---

Professor orientador – FGV-EAESP

---

Avaliador externo ou interno - Instituição

---

Coordenador da Iniciação Científica  
FGV-EAESP

## RESUMO

Essa pesquisa tem como objetivo realizar uma ambientação sobre o fenômeno da “cracolândia”, o qual abrange a região central de São Paulo, delimitada pelas ruas e avenidas Duque de Caxias, Mauá, General Couto de Magalhães, Ipiranga e Rio Branco, desde o início da década de 1990, assim como compreender qual o impacto deste fenômeno nas empresas localizadas na região. Assim, espera-se compreender se essas empresas desenvolvem alguma ação específica a cerca deste “problema social” e, caso desenvolvam, como e porque essas ações são realizadas. Por se tratar de um estudo de natureza qualitativa, foram utilizadas entrevistas semiestruturadas em duas empresas inseridas no perímetro da “cracolândia”, sendo três pessoas entrevistadas, além de pesquisas ao banco de dados da Folha de São Paulo a partir do ano de 1994 até o ano de 2012. O resultado da pesquisa indica que, apesar de diversas intervenções das polícias civil e militar e da prefeitura de São Paulo na região, o tráfico e consumo de *crack* prosseguem por mais de 20 anos. Ademais, com base na análise das entrevistas, infere-se que as empresas inseridas na região da “cracolândia” não realizam nenhum tipo de ação para conter este problema, embora os entrevistados tenham demonstrado tristeza e certa indignação a cerca do tema abordado.

Palavras-chave: *crack*, cracolândia, Nova Luz, usuários de *crack*

## **ABSTRACT**

This research aims to make a setting on the phenomenon of "cracolândia", which covers the central region of São Paulo, bounded by streets and avenues Duque de Caxias, Maua, General Couto de Magalhaes, Ipiranga and Rio Branco, from the beginning the 1990s, as well as understanding the impact of this phenomenon in businesses located in the region. Thus, it is expected to understand whether these companies develop some specific action about this "social problem" and if they develop, how and why these actions are performed. Because it is a qualitative study, semi-structured interviews were used in two companies entered into the perimeter of the "cracolândia", three people interviewed, and searches the database of the Folha de São Paulo from 1994 up to the year 2012. The research result indicates that, despite several interventions by civil and military police and the mayor of Sao Paulo in the region, trafficking and consumption of crack continues for more than 20 years. Furthermore, based on analysis of interviews, it appears that businesses included in the region of "cracolândia" do not perform any action to contain this problem, although the respondents have shown a certain sadness and outrage about the subject.

Keywords: crack, cracolândia, Nova Luz, crack users

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>8</b>
1.1 Apresentação do tema e sua relevância.....	8
1.2 Formulação do problema .....	8
1.3 Objetivos do trabalho .....	8
1.4 Questões da pesquisa .....	8
1.5 Contribuições esperadas.....	9
<b>2 REFERENCIAL TEÓRICO .....</b>	<b>10</b>
<b>3 APRESENTAÇÃO DO CONTEXTO .....</b>	<b>12</b>
<b>4 METODOLOGIA.....</b>	<b>15</b>
<b>5 ANÁLISE DE DADOS.....</b>	<b>16</b>
5.1 Folha de São Paulo.....	16
5.2 Entrevistas.....	44
<b>6 CONCLUSÕES SOBRE AS ANÁLISES .....</b>	<b>59</b>
<b>7 CONCLUSÃO.....</b>	<b>63</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>65</b>
<b>APÊNDICE A - Cronograma de Trabalho Atualizado .....</b>	<b>67</b>
<b>APÊNDICE B – Roteiro de Entrevistas .....</b>	<b>68</b>

## **1 INTRODUÇÃO**

A partir dos dados coletados e analisados durante o período da pesquisa, segue a introdução ao trabalho acadêmico.

### **1.1 Apresentação do tema e sua relevância**

O presente trabalho apresentará uma ambientação sobre o fenômeno da “cracolândia” desde sua existência, bem como entrevistas com empresas inseridas na região, formada pelas avenidas e ruas Duque de Caxias, Rio Branco, Ipiranga, Mauá e General Couto de Magalhães, localizadas no centro da cidade de São Paulo. Assim, o trabalho permitirá uma análise detalhada a cerca do assunto abordado, de modo que seja possível compreender a formação da então chamada “cracolândia”, e descobrir qual o real impacto que este fenômeno tem sobre essas empresas, e se essas realizam alguma ação que vise solucionar o “problema” em questão.

### **1.2 Formulação do problema**

Descobrir qual o impacto da “cracolândia” nas empresas que estão inseridas no perímetro que abrange a “cracolândia”.

### **1.3 Objetivos do trabalho**

O objetivo do trabalho é compreender se há algum impacto do fenômeno da “cracolândia” em empresas localizadas no Bairro Luz, assim como se há impacto das empresas na região delimitada como “cracolândia”, visando entender como este “problema” foi constituído ao longo dos anos.

### **1.4 Questões da pesquisa**

Como o fenômeno da “cracolândia” é constituído por organizações localizadas dentro do perímetro estigmatizado como tal no Bairro Luz?



### **1.5 Contribuições esperadas**

Espera-se que o presente trabalho constitua uma contribuição importante para uma análise organizacional pós-estruturalista, uma vez que buscará investigar *como* e *se* um fenômeno que, segundo uma visão mais tradicional, escaparia do escopo dos estudos organizacionais, pode ser reconstituído no cerne do problema do “organizar”.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

Como referencial teórico utilizar-se-á, principalmente, os trabalhos de Robert Cooper (1976; 1986; 2005; 2006; 2007; 2009), Spice (2010), bem como produções sobre o *crack* no centro de São Paulo feitas no âmbito da medicina social (Nappo, 1996; Nappo *et al*, 1994; Nappo *et al* 2010; Frúgoli Jr. & Spaggiari, 2010; Mingardi, 2011), e estudos históricos sobre a região da Luz como o de Mosqueira (2007), e estudos sobre a região central de São Paulo de forma mais ampla como o de Ciscati (2003), a fim de esboçar-se o contexto histórico de uma região que mais tarde viria a ser rotulada de “cracolândia”, ou seja, quais desenvolvimentos históricos permitiram tais desdobramentos.

A análise de discurso e a análise de conteúdo serão abordadas neste trabalho, de modo a contribuir para um melhor entendimento a cerca do tema “cracolândia”, através de uma análise completa e realística, de modo a responder o problema da pesquisa de forma eficaz, gerando maior credibilidade às informações coletadas.

Assim, a análise de discurso, de acordo com Michel Pêcheux (2002), estabelece uma relação entre língua, sujeito, história e ideologia, presentes no discurso, de modo que é “no contato do histórico com o linguístico, que (se) constitui a materialidade específica do discurso”. Dessa forma, a análise de discurso faz uso do sentido que o texto fornece, e não do seu conteúdo, de forma que este sentido é produzido, e não traduzido.

Partindo do princípio que a AD trabalha com o sentido, sendo o discurso heterogêneo marcado pela história e ideologia, a AD entende que não irá descobrir nada novo, apenas fará uma nova interpretação ou uma releitura; outro aspecto a ressaltar é que a AD mostra como o discurso funciona não tendo a pretensão de dizer o que é certo, porque isso não está em julgamento. (CAREGNATO; MUTTI, 2006, p. 681).

Já a análise de conteúdo é definida como um “conjunto de técnicas de análise das comunicações” (BARDIN, 1988), a qual faz uso de recursos metodológicos capazes de validar as descobertas realizadas. “Na verdade, trata-se da sistematização, da tentativa de conferir maior objetividade a uma atitude que conta com exemplos dispersos, mas variados, de pesquisa com textos.” (ROCHA; DEUSDARÁ, 2005). A definição a seguir refere-se à análise de conteúdo.

Um conjunto de técnicas de análise de comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, utilizando indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção / recepção destas mensagens. (BARDIN, 1988).

Além disso, serão utilizadas reportagens da Folha de São Paulo entre os anos de 1994 e o primeiro mês de 2012. Essas reportagens foram coletadas a partir do acervo *online* e do banco de dados da Folha de São Paulo, o qual se localiza na Alameda Barão de Limeira.

De acordo com a Associação Nacional de Jornais, a Folha de São Paulo possui grande influência dentre os jornais brasileiros, como pode ser observado na tabela a seguir, que mostra os maiores jornais do país de acordo com o número médio de circulação por dia, de 2002 a 2011, o que justifica o uso dessa fonte no presente trabalho.

Tabela 1 – Os maiores jornais do Brasil de circulação paga, por ano – 2002 a 2011.

<b>Ano</b>	<b>Título</b>	<b>Circulação exemplar/dia</b>	<b>Ano</b>	<b>Título</b>	<b>Circulação exemplar/dia</b>
2002	Folha de S.Paulo (SP)	346.333	2007	Folha de S.Paulo (SP)	302.595
	Extra (RJ)	286.655		O Globo (RJ)	280.329
	O Estado de S.Paulo (SP)	268.433		Extra (RJ)	273.560
2003	Folha de S.Paulo (SP)	314.908	2008	Folha de S.Paulo (SP)	311.287
	O Globo (RJ)	253.410		Super Notícia (MG)	303.087
	O Estado de S.Paulo (SP)	242.755		Extra (RJ)	287.382
2004	Folha de S.Paulo (SP)	307.703	2009	Folha de S.Paulo (SP)	295.558
	O Globo (RJ)	257.451		Super Notícia (MG)	289.436
	Extra (RJ)	243.357		O Globo (RJ)	257.262
2005	Folha de S.Paulo (SP)	307.937	2010	Super Notícia (MG)	295.701
	O Globo (RJ)	274.934		Folha de S.Paulo (SP)	294.498
	Extra (RJ)	274.015		O Globo (RJ)	262.435
2006	Folha de S.Paulo (SP)	309.383	2011	Super Notícia (MG)	293.572
	O Globo (RJ)	276.385		Folha de S.Paulo (SP)	286.398
	Extra (RJ)	267.225		Extra (RJ)	265.018

Fonte: ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE JORNAIS – Maiores Jornais do Brasil.

Nota: Dados trabalhados pelo autor.

### 3 APRESENTAÇÃO DO CONTEXTO

O *crack* surgiu em São Paulo no final da década de 80, alastrando-se principalmente em sua região central (Nappo, 1996; Nappo *et al*, 1994; Nappo *et al* 2010). Desde então, viu-se a intensificação e desenvolvimento de diversos projetos que visam “recuperar” áreas “degradadas” do bairro Luz (que já ocorrem desde a década de 70), demonstrando a importância da região no contexto metropolitano (Mosqueira, 2007).

A expressão “Cracolândia” surge nos anos 90, em designação a uma parte da região central de São Paulo representada, principalmente, pelo perímetro formado pelas avenidas e ruas Duque de Caxias, Rio Branco, Ipiranga, Mauá e General Couto de Magalhães, onde o consumo e comércio do *crack* aconteciam, e ainda hoje acontecem, a céu aberto. Segundo Mingardi (1999), o surgimento do termo foi devido a uma onda de publicações jornalísticas que divulgavam e discutiam os problemas relacionados às drogas que vinham ocorrendo na região. Antes disso, ainda nos anos 80, foi elaborado o primeiro projeto de intervenção na região, conhecido como Luz Cultural (em referência ao nome do bairro Luz, onde se localiza parte do perímetro da “cracolândia”). Nos anos 2000 as ações ganharam mais corpo, em 2003, o governo de Marta Suplicy obteve do BID um empréstimo com verba a ser aplicada em obras de revitalização do centro, inclusa a área da denominada “cracolândia”. Contudo, o projeto foi engavetado no governo subsequente, tendo a prefeitura de São Paulo pago uma multa ao BID pela não utilização dos recursos que estavam à sua disposição (Mosqueira, 2007).

A hipótese de Frúgoli Jr e Spaggiari (2010) é a de que a “cracolândia” constituiria uma espécie de “territorialidade itinerante”, o que nos permitiria situá-la numa certa área urbana, mas estando essa sujeita a deslocamentos, geralmente dependendo do tipo de repressão ou intervenções exercidas por parte do Estado e demais atores que compõem sua dinâmica, bem como de suas próprias relações internas. Vemos que a questão “cracolândia” é complexa, e um problema em estado latente na dinâmica urbana do centro de São Paulo.

Pretendendo reconstituir o papel das organizações privadas em tal dinâmica, propõe-se utilizar conceito de “grau zero da organização” conforme proposto por Cooper (1986) e “extitution”, conforme proposto por Spice (2010), para investigar a parte que cabe a organizações dessa natureza localizadas no bairro Luz na constituição desse fenômeno.

O que Cooper (1986) chama de “grau zero da organização” seria um estado de desordem permanente que é constantemente apropriado pelo “organizar”, ou seja, o excesso que

transborda a instituição e que, ao mesmo tempo, ativa as forças do “organizar”. Nas palavras do autor:

We discover an intrinsic undecidability which can only be ‘organized’ or ‘systematized’ through an external force that is wholly foreign to it. It is this level which is resistant to order and organization and which we call ‘disorganization’ or, as in the next section, the zero degree of organization (Cooper, 1986: 316)

É justamente isto que Spice (2010) chama de “extitution”, explicando também que ela aparece como uma ameaça à ordem e, portanto, como algo que deve ser racionalizado e regularizado pelas instituições (como a doença, o criminoso, a criança, irregularidades do mercado, o “empregado problema”, etc.). Segundo Spicer (2010):

This formless life is excessive. By this I mean that it continues to overflow the capacity of an institution to cope with the problems it poses [...] In short, institutions typically pit themselves against something that always overflows them. For the institutional workers there is an endless supply of this incurable formless life to work upon. **The excess that constantly overflows the institution is the force that activates institutional order and gives it an endless supply of subjects to work.** It is the formless life that institutions seek to domesticate. This is what I call an extitution (Spicer, 2010: 29-30, **grifo nosso**)

O conceito de “extitution” nos ajuda a problematizar, também, o fato de que um fenômeno desviante é cuidadosamente constituído como tal, para que se possam traçar estratégias de intervenção de modo legitimado perante a sociedade de modo geral. Isso nos leva à indagação, também, da importância da atuação da organização midiática na criação do fenômeno da “cracolândia” propriamente dita enquanto uma “extitution”. Segundo essa visão, tal fenômeno não poderia ser visto como algo isolado, como uma anomalia, uma monstruosidade, que independe do mundo das organizações. Muito pelo contrário, propõe-se que um fenômeno como este deva ser visto como algo que, além de constituir e ser constituído por uma rede de relações, pode ser problematizado como uma força no cerne do próprio “organizar”. Segundo tal visão, seria relevante, portanto, uma análise em paralelo do papel das organizações midiáticas na composição desta “extitution”.

No que diz respeito ao seu posicionamento ontológico-epistemológico, a abordagem proposta apoia-se no pós-estruturalismo que, segundo escreveu Spoelstra (2005) num artigo dedicado à revisão do trabalho de Robert Cooper, coloca em xeque o fato das organizações serem compostas por estruturas bem definidas e fechadas em torno de uma essência (seja ela a própria estrutura ou mesmo o sujeito), problematizando, justamente, o “além”, ou o que escaparia à organização:

Cooper's point is not that organization theory [...] focus too much on organization, and that, 'as poststructuralists', we should celebrate disorganization. The point is that the establishment of 'an organization' (in language) closes the door for thinking about organization (as a generic process). That is, precisely by being satisfied with 'an organization' as such, as a complete structure, we forget the beyond. Being occupied with organizations is thus a way to stop thinking about organization (Spoelstra, 2005: 113)

O fenômeno da “cracolândia” parece tornar-se interessante para a análise organizacional, portanto, pois, além de poder ser problematizada enquanto uma “extituição”, faz emergir a possibilidade de reconstituição de uma rede formada por um fenômeno sociocultural que representa um elemento de interesse de toda a comunidade. Apesar disso, e do fato de haver “cracolândias” hoje espalhadas por todo o Brasil, o fenômeno não vem sendo tratado nos estudos organizacionais.

#### 4 METODOLOGIA

Trata-se de um estudo de natureza qualitativa. A fim de estabelecerem-se critérios na escolha das organizações a serem pesquisadas no estudo empírico, serão selecionadas organizações privadas localizadas dentro do perímetro estigmatizado como a “cracolândia” – formado pelas avenidas e ruas Duque de Caxias, Rio Branco, Ipiranga, Mauá e General Couto de Magalhães. Serão pesquisadas organizações de pequeno a grande porte de acordo com a acessibilidade das mesmas. A coleta de dados nas empresas será feita por meio de entrevistas semiestruturadas, tendo como sujeitos seus sócios ou empregados, de todos os níveis hierárquicos.

Para fins de seleção de amostra de tais sujeitos, utilizar-se-á o método de *snowball*. Segundo Noy (2008) o método *snowball*, ou “corrente”, propõe um procedimento de seleção de amostra bastante simples e que tem sido amplamente utilizado em pesquisas qualitativas. Segundo tal procedimento, pede-se a cada entrevistado que sugira ao pesquisador quem deverá ser entrevistado a seguir. Sendo assim, o método baseia-se, fundamentalmente, nas redes sociais dos sujeitos em questão.

Assim, através de uma pesquisa via internet serão identificadas empresas localizadas nessa área, as quais serão contatadas via *email* e telefone. A partir da primeira entrevista será utilizado o método *snowball*, de modo que novas pesquisas *online* não serão mais necessárias, exceto se este método for inviabilizado por algum motivo.

Concomitante, será feito um levantamento dos discursos produzidos pela mídia acerca do tema da “cracolândia” no centro de São Paulo, tendo em vista analisar paralelamente a construção deste fenômeno desde seu surgimento, no início da década de 90. Para tanto, será pesquisado o banco de dados da Folha de São Paulo, que está disponível para consulta na própria empresa, mediante o pagamento de uma taxa, ou para pesquisa no acervo online, para assinantes da Folha de São Paulo ou UOL. Serão pesquisadas matérias jornalísticas publicadas entre 1994 e janeiro de 2012. Os dados coletados serão tratados por meio do método de análise de conteúdo e análise de discurso, buscando compor o pano de fundo para contextualização histórica do fenômeno. Justifica-se a escolha do período em questão uma vez que o termo “cracolândia” somente surge no discurso midiático no início da década de 1990, mais especificamente no ano de 1996. No entanto, verificou-se necessário abordar reportagens dos anos de 1994 e 1995 sobre o termo “crack”, a fim de contextualizar o surgimento da expressão “cracolândia”. A escolha do jornal Folha de São Paulo justifica-se por se tratar de um dos principais jornais de São Paulo (Tabela 1).

## 5 ANÁLISE DE DADOS

A seguir será realizada uma análise dos dados obtidos até o presente relatório, incluindo a pesquisa ao banco de dados da Folha de São Paulo, bem como as entrevistas semiestruturadas.

### 5.1 Folha de São Paulo

Para melhor compreender o fenômeno da crackolândia, foi realizada uma pesquisa no banco de dados da Folha de São Paulo e em seu acervo *online*. A pesquisa foi realizada entre os anos de 1994 e 2012, sendo nos anos de 1994 e 1995 a pesquisa feita a partir do termo “crack” e a partir de 1996 do termo “cracolândia”.

Assim, através do material coletado foi possível realizar uma análise aprofundada sobre o tema, a qual será detalhada a seguir, de modo a contribuir para o trabalho apresentado.

Assim, através da Tabela 5 é possível visualizar o número de reportagens publicadas pela Folha de São Paulo, por ano, sobre a “cracolândia”.

Tabela 2 – Número de reportagens publicadas por ano pela Folha de São Paulo sobre o termo “cracolândia” .

<b>1994</b>	<b>1995</b>	<b>1996</b>	<b>1997</b>	<b>1998</b>	<b>1999</b>	<b>2000</b>	<b>2001</b>	<b>2002</b>	<b>2003</b>
2	5	2	6	8	19	13	15	26	10
<b>2004</b>	<b>2005</b>	<b>2006</b>	<b>2007</b>	<b>2008</b>	<b>2009</b>	<b>2010</b>	<b>2011</b>	<b>2012</b>	
6	73	27	24	27	99	34	35	72 (1)	

Fonte: FOLHA DE SÃO PAULO – Acervo online

Nota: Dados trabalhados pelo autor

Os anos de 1994 e 1995 são referentes à palavra “crack”, visto que não existem matérias sobre a “cracolândia” nesses anos.

(1) Até 23 de janeiro de 2012.

#### 5.1.1 1994-1995

Apesar de não haver notícias referentes à “cracolândia” até o ano de 1996, foi realizada uma pesquisa em seu acervo *online*, no qual foi realizada uma pesquisa sobre o termo “crack” nos anos de 1994 e 1995, visto que foi no início da década de 90 que teve início o fenômeno da “cracolândia”. Como resultado, poucas matérias foram encontradas. Apenas uma notícia relevante foi encontrada no ano de 1994, a qual informa uma operação da Polícia Militar (PM) que ocorreu no centro de São Paulo (SP). O resultado dessa operação foi a descoberta de uma pequena fábrica de crack em um hotel localizado na Rua do Triunfo. Segundo a matéria da



Folha de SP de 06 de julho de 1994 “Uma operação da PM apreendeu 304 pedras de crack e prendeu quatro pessoas por tráfico, anteontem à noite, na região de Santa Ifigênia (centro de São Paulo). Em um hotel, os policiais encontraram uma pequena ‘fábrica’ de crack.”<sup>1</sup>.

Assim, apesar de apenas uma notícia em um dos jornais mais influentes de SP, é possível notar que o uso de crack na região central de SP já estava se transformando em um problema social, visto que o hotel da região servia como fábrica de crack, o que, além de servir aos moradores, atrai usuários de drogas, tanto para uso, como para compra.

Já no início de 1995, a Folha de SP publicou uma matéria informando que na cidade de São Paulo 35% dos moradores de rua já utilizavam crack, o que confirma a intensidade desse problema já em meados da década de 90. Segundo a matéria “É fácil adquirir crack em São Paulo, uma droga que em menos de um mês de consumo vicia e inabilita ao trabalho, ao estudo e ao sexo. Já é usado por 35% dos meninos de rua paulistas”<sup>2</sup>. Além disso, um agravante foi a estratégia utilizada pelos traficantes, os quais passaram a vender apenas o crack, que, apesar de seu menor preço, vicia com mais rapidez e exige maiores doses. Assim, devido à ausência de outras drogas, os usuários de maconha e cocaína passaram a comprar o crack.

As polícias Civil e Militar também realizaram uma ação na atual região da cracolândia, visando identificar pontos em que o crack era vendido. “A ação, batizada pela polícia de ‘arrastão’, se concentrou no chamado ‘quadrilátero do crack’, entre as ruas Guaianazes e Vitória, em Santa Ifigênia, e Rua Mauá e Avenida Duque de Caxias, na Luz.”<sup>3</sup>. Os menores apreendidos em ações policiais eram levados para o SOS Criança da Secretaria da Criança, Família e Bem Estar Social. No entanto, a ausência de campanhas educativas pode ser considerada como uma agravante para esse problema.

Além disso, no ano de 1995, menores de rua, usuários de crack e traficantes, acusaram policiais militares de extorsão. No entanto, como não havia denúncia formal, o caso não foi investigado.

Por fim, vale ressaltar que o ano de 1995 foi marcado pela chamada “ganguê da pedra”, formada por meninos de rua que abordavam mulheres sozinhas em seus veículos em cruzamentos da região central da cidade, sob o pretexto de limpar o vidro do carro ou pedir esmola e, assim, ameaçam quebrar o vidro do carro ou cortar as vítimas com pedras ou vidros, caso essas não lhe dessem dinheiro.

---

<sup>1</sup> Folha de São Paulo (08/06/1994): PM desmonta 'fábrica' de crack em SP.

<sup>2</sup> Folha de São Paulo (10/01/1995): Pesquisa com uma amostra de viciados feita pelo Cebrid (Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas) e conduzida por Solange Nappo, José Carlos Galduróz e Ana Noto.

<sup>3</sup> Folha de São Paulo (08/07/1995): ‘Arrastão’ policial em SP detém 98.

Eles atuam com mais frequência nos cruzamentos das avenidas Rio Branco, Duque de Caxias e Ipiranga. Segundo os comerciantes da região, os horários mais perigosos são o início da manhã, das 7h às 8h, e a partir do final da tarde, quando escurece. Os garotos normalmente agem sozinhos, escondendo a pedra ou o vidro embaixo da blusa. (Folha de SP, 29/04/1995)

Entretanto, devido à operação da Polícia Militar, da 1ª Delegacia Seccional e do SOS Criança iniciada em julho, que visava recolher crianças e adolescentes, o número de roubos caiu 60% no mês de agosto.

### 5.1.2 1996-1997

A partir de 1996 a Folha de São Paulo passou a publicar matérias sobre o termo “cracolândia”, entretanto, ainda em número reduzido. É possível observar que em 1996 a Polícia Militar já realizava ações na região da cracolândia, com auxílio do SOS Criança, resultado do aumento do número de moradores de rua que utilizavam e vendiam crack na região central de SP nos anos anteriores.

Segundo o coordenador do SOS Criança, Paulo Vitor Sapienza, o objetivo foi abordar os adolescentes que vivem na região conhecida como "cracolândia", onde se concentram os pontos-de-venda de crack - principalmente entre as ruas do Triunfo e Timbiras. (Folha de SP, 05/09/1996)

Em setembro de 1996 o SOS Criança realizou uma pesquisa com mais de 80 menores, visando tratar os moradores de rua da região da cracolândia. Dentre os menores, 63% afirmaram serem dependentes químicos, sendo que 46% utilizavam crack. No entanto, a maior parte dos menores (63%) recusou o tratamento<sup>4</sup>.

Outras matérias referem-se a suspeitos que, após abordados pela polícia militar ou pelo SOS Criança, voltam às ruas para consumir ou vender crack ou, ainda, ameaçar e roubar pessoas em troca de dinheiro para comprar drogas, como pode ser observado em matéria da Folha de SP: “Apenas cinco horas após serem detidos para averiguação, três menores foram vistos pela reportagem da Folha na esquina das ruas dos Gusmões e do Triunfo.”.

---

<sup>4</sup> Folha de SP (11/09/1996): Criança de rua não estuda, diz pesquisa.

Dessa forma, pode-se perceber que a polícia militar realizou algumas operações na região da cracolândia, visando apreender drogas e traficantes, além de tratar menores dependentes químicos.

Em fevereiro de 1997 a polícia militar iniciou a Operação Centro, utilizando uma técnica subjetiva para selecionar os suspeitos que seriam abordados. O comandante da Cavalaria da PM, o capitão Paulo Roberto da Silva Vieira, escolhia pelo olhar quem deveria ser revistado. “Quando uma pessoa é encarada por um policial e desvia o olhar, se inibe, se tenta correr ou se esconder, é considerada suspeita e revistada”, afirmou o capitão.”. Segundo o comandante, aparência e cor da pele não foram os critérios utilizados para abordar os indivíduos e a operação não utilizou violência. No entanto, a Operação Centro não teve sucesso, e os usuários de drogas e traficantes voltaram para a região da cracolândia.

Também com o intuito de retirar menores usuários de crack das ruas e prender pequenos traficantes, o Departamento Estadual de Investigações Sobre Narcóticos (Denarc) e o SOS Criança realizaram outra operação no centro de São Paulo, abrangendo principalmente a região da cracolândia.

Além disso, o Denarc preparou um manual que visa orientar funcionários de escolas públicas e particulares sobre o consumo de drogas entre os alunos. Segundo o diretor do Denarc, Marco Antônio Ribeiro de Campos, "Ele (o manual) mostrará a esses profissionais como agir na prevenção e na repressão ao entorpecente.”<sup>5</sup>.

Desse modo, as matérias publicadas pela Folha de SP nesse período mostram que apesar das periódicas operações policiais na cracolândia, logo após os policiais deixarem a região central os usuários e traficantes voltam a suas atividades. Além disso, os moradores de rua sabem os horários que a PM realiza patrulha na região, o que facilita o consumo e venda da droga.

### **5.1.3 1998**

São poucas as matérias publicadas na Folha de São Paulo no ano de 1998, apenas oito, sendo o foco das notícias sobre ações da Polícia Militar na região da Cracolândia, conhecida como Operação Cracolândia, visando prender traficantes, além de encaminhar crianças e adolescentes viciados em crack para tratamento.

---

<sup>5</sup> Folha de SP (04/06/1997): Polícia caça 'microtraficantes' de crack no centro de São Paulo.

A Polícia Militar prendeu 26 pessoas e deteve outras 342 durante blitz realizadas no último final de semana na região conhecida como Cracolândia, no centro de SP. As blitzes fazem parte da Operação Cracolândia, desencadeada pela PM na última sexta e que deve acontecer até o final da semana. [...] Ainda segundo a PM, 127 crianças e adolescentes foram encaminhados ao SOS Criança. Seis foragidos foram recapturados. Houve a apreensão de 3 armas ilegais, 194 pedras de crack, 20 gramas de cocaína e 2 papalotes de maconha. Entre sexta e domingo, a PM abordou 4.544 pessoas, vistoriou 326 carros, 57 bares e 150 hotéis -alguns estabelecimentos foram fiscalizados mais de uma vez. [...] A ação teve apoio do Denarc (Departamento Estadual de Investigações sobre Narcóticos), do SOS Criança e do Juizado da Infância e da Juventude. [...] Ao todo, foram vistoriados 46 estabelecimentos. Além dos 22 interditados (todos com problemas de falta de higiene e segurança), outros sete receberam intimações. (Folha de SP, 13/01/1998).

Além disso, as ações da PM também visavam interditar estabelecimentos em que havia venda e consumo de crack, o que pode ser comprovado por uma ação policial em que houveram 33 mandatos de busca e apreensão para hotéis localizados na cracolândia, sendo estes considerados como um dos principais destinos para consumo e tráfico de drogas.

O trecho a seguir mostra o resultado de outra operação realizada durante esse ano.

Megaoperação envolvendo 500 homens das Polícias Civil e Militar realizada ontem à tarde na cracolândia, região no centro de São Paulo onde o uso e o tráfico de drogas é mais intenso, havia conseguido, até as 18h, fazer apenas quatro flagrantes de drogas. Dois foram por uso de drogas e outros dois por tráfico. Foram presos por tráfico um desempregado que portava cerca de 20 pedras de crack escondidas dentro de uma lata de refrigerante e um nigeriano. [...] Ao todo, a polícia havia averiguado 123 pessoas até as 18h. [...] Foram encaminhadas 22 crianças e adolescentes ao SOS Criança e três ao posto móvel de atendimento da Secretaria de Estado da Saúde na rua Prates. Dois dos menores tiveram de ir para o Hospital Psiquiátrico de Vila Mariana. Aparentavam estar drogados. (Folha de SP, 17/12/1998).

De acordo com o secretário-adjunto da Segurança Pública, Luiz Antônio Alves de Souza, "o objetivo dessa operação é mais amplo, não apenas policial. Temos de recuperar esse espaço público, que está sendo privatizado por gente que está à margem da lei"<sup>6</sup>. Para ele o resultado esperado não era um grande número de flagrantes, mas sim a conjugação de esforços. (Folha de SP, 17/12/1998).

Assim, a partir das publicações desse ano, percebe-se que a região central, que abrange a cracolândia, é a com maior índice de apreensão de drogas, já que "a quantidade de droga

---

<sup>6</sup> Folha de SP, 17/12/1998: Megaoperação só faz 4 flagrantes.

apreendida por um distrito policial do centro da cidade é superior às apreensões feitas por 22 delegacias das zonas sul e leste da capital”<sup>7</sup>.

Através das demais matérias publicadas nesse ano, também é possível observar que apesar dessas ações da Polícia Militar, os envolvidos pareciam estar mais preocupados com o marketing do que com a resolução do “problema” da cracolândia. Dessa forma, alguns indivíduos viam essas ações como agressivas, como pode ser observado no trecho a seguir.

O comandante da Polícia Militar paulista, coronel Carlos Alberto de Camargo, quer recuperar a Cracolândia. [...] Procurou ajuda empresarial para criar uma quadra de esportes, um centro de convivência ou uma clínica de recuperação de viciados. Até agora, não conseguiu nada. Empresários podem argumentar que o coronel deveria deixar de lado o marketing barato e se preocupar com sua tropa, conhecida pela brutalidade, corrupção e ineficiência. Podem até ter razão, mas o horror da Cracolândia continua intacto. (Folha de SP, 24/02/1998).

Outra notícia interessante diz respeito a campanha do ex-prefeito Paulo Maluf, na qual o coordenador do programa, Marcos Cintra, cita a cracolândia como uma das principais bandeiras da campanha de Maluf.

Na verdade, precisamos de ousadia e determinação política para resolver esse problema. Teremos tolerância zero em relação às drogas. Acabaremos com a "Cracolândia". Com a erradicação do tráfico, erradicaremos 60% dos outros crimes”. (Folha de SP, 18/07/98).

#### **5.1.4 1999**

O ano de 1999 foi marcado por um número maior de matérias publicadas pela Folha de SP sobre a cracolândia se comparados ao ano anterior, mas ainda foram poucas, apenas 19, número consideravelmente pequeno em um ano.

Logo no início do ano é possível notar que houve um movimento de migração de usuários e traficantes de drogas da cracolândia para regiões próximas. Das seis primeiras matérias publicadas no ano de 1999, até o dia onze de abril, cinco abordavam o movimento migratório da “cracolândia” para outras regiões da cidade de São Paulo, como no artigo de Gilberto Dimenstein<sup>8</sup> a seguir.

<sup>7</sup> Folha de SP, 12/06/1998: Centro é recordista.

<sup>8</sup> Jornalista formado pela Fundação Cásper Líbero, colunista e integrante do Conselho Editorial do jornal Folha de SP. e comentarista da rádio Central Brasileira de Notícias (CBN).

Incrustada no centro de São Paulo, a crackolândia, onde se trafica e consome crack, se expandiu e virou uma "grande crackolândia" [...] Diante do incômodo da opinião pública, relacionando crack ao aumento da criminalidade, a polícia viu-se obrigada a agir com dureza. Com a repressão, diminuiu o número de consumidores que perambulam pelas ruas ou se escondem nas pensões e hotéis. Nem por isso o tráfico diminuiu. A repressão apenas redesenhou as fronteiras e diversificou ainda mais os pontos de tráfico na região central -além de jogar mais viciados nos bairros de classe média, visíveis nos semáforos. [...] De acordo com dados do SOS Criança, o registro de crianças no centro caiu de 526 para 328; na região leste, pulou de 113 para 200. A amostragem da entidade cobre, segundo Sapienza, 70% das crianças e adolescentes que moram nas ruas de São Paulo. As estatísticas mostram que, sem tratamento médico ou psicológico, a repressão é praticamente inútil. "Apenas muda a geografia da droga", relata o psiquiatra Auro Lescher, da Universidade Federal de São Paulo, coordenador do Projeto Quixote, que trata de crianças drogadas em São Paulo. (Folha de SP, 11/04/1999).

Além disso, houve um aumento da insegurança percebida por moradores de bairros de classe média da cidade, o que pode ser medido pelo SOS Crianças.

De março de 1997 a abril de 1998, 20% das crianças e dos adolescentes do centro se diziam consumidores de drogas; em sua maioria, cola e crack. Ou ambos. No período de abril de 1998 a fevereiro deste ano, essa porcentagem despencou para 9%. Menos do que a metade. Para onde foi esse consumo? A região sul, que engloba o bairro dos Jardins, pulou, no período, de 0,81% para 9%, o que revela com clareza a migração dos dependentes. Também aumentou na zona oeste, onde os educadores contataram os drogados em bairros como Pinheiros e Vila Madalena: saltou de 1,93% para 2,33%. Não significa que nesses pontos seja necessariamente realizado tráfico. Mas os dependentes andam nesses locais e, assim, cresce o risco de furtos e assaltos. (Folha de SP, 11/04/1999).

Mais estatísticas sobre o consumo de drogas nas diferentes regiões de São Paulo foram publicadas no início de 1999, comprovando a diminuição do consumo de drogas do centro da cidade para outras regiões, como a zona norte, oeste e sul, ainda através dos dados fornecidos pelo SOS Crianças, que comparou os períodos de maio de 1997 a março de 1998 com o período de abril de 1998 com fevereiro de 1999<sup>9</sup>.

Nas crianças viciadas na região oeste, por exemplo, o consumo de crack pulou, em um ano, de 4,30% para 13,64%. Na região norte da cidade, o consumo da droga saiu do inexpressivo 1% para 9%; o consumo da cocaína, praticamente inexistente, saltou para 14,29%. [...] "Está disseminado,

---

<sup>9</sup> Folha de SP, 11/04/1999: Migração aumenta insegurança.

sabemos que, se reprimimos num lugar, vai para outro", diz o delegado Marco Antônio Martins, do Denarc. (Folha de SP, 11/04/1999).

Também foi medido o índice de furtos e roubos nas diferentes regiões de São Paulo, o qual mostrou uma diminuição desse índice no centro da cidade, em detrimento de um aumento na periferia, considerando o centro expandido – delimitado pelos bairros Lapa, Pinheiros, Itaim Bibi, Paraíso, Vila Clementino, Ipiranga, Mooca, Belém, Pari, Bom Retiro e Perdizes – embora ainda houvesse predomínio de crimes contra o patrimônio na região central<sup>10</sup>.

Ademais, outro tema relacionado à cracolândia que esteve na mídia no ano de 1999 foi a construção do maior prédio do mundo na cidade de São Paulo, mais especificamente na região central, a partir de um investimento do grupo Brasilinvest em parceria com um grupo dos Estados Unidos, o Maharishi Global Development Fund (MGDF). No entanto, o local ainda era uma especulação, além de um desejo do presidente do Brasilinvest, Mario Garnero, com intuito de auxiliar na recuperação da área da cracolândia, comparando-a à recuperação realizada no centro de Nova York.

Neste ano também foram apresentados projetos envolvendo a cracolândia, como a migração do Palácio dos Bandeirantes do Morumbi para o centro da cidade, assim como a transferência da sede do Governo para o viaduto do chá, no Prédio Patriarca, além do projeto para reaproveitar as áreas delimitadas pela rede ferroviária, como cita a reportagem da Folha de São Paulo a seguir.

Num projeto entregue ao governo estadual, a nova fronteira consistiria no reaproveitamento dos terrenos públicos pertencentes à rede ferroviária [...] Assessorado pela urbanista Regina Meyer, arquitetos do escritório Una colocaram no papel uma espécie de "passeio público" revitalizando os terrenos em torno do trilho que, dentro da cidade, tem extensão aproximada de 16 km. Por esse caminho, seriam montados projetos residenciais, escritórios, empresas de alta tecnologia, escolas, todos ligados pelo trem e conectados ao metrô. Pela topografia plana, rara em São Paulo, seriam estimuladas as caminhadas e mesmo o uso de bicicletas. "Temos uma grande chance para reverter a degradação de uma região, criando um espaço civilizado", afirma Regina Meyer. (Folha de SP, 20/06/1999).

Ademais, houve a inauguração da sala de concertos na estação Júlio Prestes, a Sala São Paulo, no centro da cidade, na Praça Júlio Prestes, a poucos metros da região da cracolândia.

A partir disso é possível notar que no ano de 1999 começaram a surgir ações que visavam a revitalização do centro de São Paulo, com foco na cracolândia, uma vez que as operações

---

<sup>10</sup> Folha de SP, 20/02/1999: Roubo e furto crescem mais na periferia.

interventivas da Polícia Militar apenas espalharam os usuários de drogas para outras regiões da cidade de São Paulo, sem trazer resultados significativos e melhorias na região, assim como na cidade de São Paulo como um todo.

### 5.1.5 2000-2001

Através das matérias publicadas pela Folha de SP, pode-se perceber que nos anos de 2000 e 2001 o número de notícias é superior se comparado aos anos anteriores, mas não ultrapassou 15 matérias por ano. Isso ocorreu, por que o fenômeno da crackolândia tornou-se um problema grave para a cidade de São Paulo, o qual segue sem uma solução definitiva.

Desde o segundo semestre de 1999 a crackolândia foi alvo de operações diárias para apreensão de drogas. Em janeiro de 2000 o prefeito de São Paulo, Celso Pitta, em conjunto com a Polícia Civil, ordenou medidas de limpeza e iluminação na região da crackolândia, visando dificultar a ação dos traficantes de droga.

Essas operações ostensivas, que incluem policiais à paisana 24 horas por dia e batidas policiais a cada 15 dias, visavam ‘erradicar’ a crackolândia. Como resultado, houve a diminuição do número de moradores de rua utilizando drogas na região.

O resultado da investida do Denarc já pode ser medido em números: 38 hotéis e pensões usados como pontos de tráfico e de uso de crack foram fechados (e depois reabertos por decisões judiciais), 19 foragidos da Justiça voltaram para a cadeia e 176 suspeitos de tráfico, entre eles 12 menores, foram pegos em flagrante. A polícia ainda apreendeu 15 quilos de cocaína, 1.116 pedras de crack e 191 gramas de maconha. (Folha de SP, 03/09/2000)

No entanto, isso ocorreu devido à migração desses dependentes para áreas periféricas do centro da cidade. Dessa forma, os usuários continuavam utilizando crack, mas não mais livremente, como acontecia nos anos anteriores, de modo que, ao invés de solucionar o problema, apenas fez com que este migrasse para outras regiões com menor policiamento. De acordo com o psiquiatra Auro Lescher<sup>11</sup> ‘a ação da polícia é apenas uma maneira "de varrer a sujeira para debaixo do tapete”’.

Assim, as matérias publicadas nesse ano mostram que a solução para a crackolândia seria tirar os usuários e traficantes da região, sem se preocupar com o local em que estes se instalariam e continuariam com suas atividades rotineiras.

---

<sup>11</sup> Coordenador do Projeto Quixote, criado pela Escola Paulista de Medicina, que visa atender crianças e adolescentes que moram na rua.



Além disso, de acordo com o delegado da Divisão de Investigações de Entorpecentes, o aumento de crack apreendido no ano de 2000 ocorreu devido ao aumento de crianças e adolescentes de baixa renda, principalmente moradores de rua, que passaram a utilizar o crack devido ao seu baixo valor, e às operações da polícia militar e civil, que passaram a ser mais frequentes em busca de drogas.

Já o ano de 2001 foi marcado pelo escândalo envolvendo cinco policiais do Denarc em situações suspeitas na cracolândia, acusados por extorsão, abuso de poder, tráfico de drogas e formação de quadrilha.

A acusação é sustentada por fotos, imagens gravadas e pelo depoimento de 11 testemunhas [...] Nas imagens, os investigadores Hélio Carlo Barba, José Carlos de Castilho, Alessandro Ramos da Silva, Mauro César Bartolomeu e Guilherme Barbosa Pallazo aparecem soltando acusados de tráfico, agredindo viciados e, segundo promotores, recebendo propina. (Folha de SP, 14/02/2001)

Vale ressaltar que a Folha de SP não divulgou mais notícias sobre operações policiais que não estivessem ligadas ao caso dos policiais do Denarc neste mesmo ano.

### **5.1.6 2002**

O início de 2002 foi marcado pela repercussão do escândalo envolvendo os policiais do Denarc e a cracolândia, ocorrido no ano anterior, já que de todas as publicações sobre a cracolândia na Folha de SP no primeiro semestre de 2002, apenas duas não abrangiam o caso dos policiais do Denarc.

As notícias falam sobre o andamento do caso desde a denúncia dos policiais, até novos escândalos, acusações e denúncias a policiais do Denarc, como pode ser visto a seguir.

O Ministério Público de São Paulo denunciou à Justiça no mesmo dia os cinco policiais do Denarc (Departamento de Investigações sobre Narcóticos) acusados de envolvimento com o tráfico de drogas na região. A denúncia é uma acusação formal de que os policiais teriam cometido os crimes de tortura, concussão (extorsão praticada por servidor público), abuso de autoridade e roubo. (Folha de SP, 09/01/2002).

Após a uma série de escândalos envolvendo alguns policiais do Denarc à crimes de abuso de autoridade, roubo, tortura e corrupção na região da cracolândia, o diretor do Denarc Marco Antônio Ribeiro de Campos, deixou o cargo no dia 13 de maio.

O diretor do Denarc (Departamento de Investigações sobre Narcóticos) de São Paulo, Marco Antonio Ribeiro de Campos, não resistiu à crise no departamento, que sofreu o terceiro escândalo em menos de seis meses, e deixou o cargo ontem. (Folha de São Paulo, 14/05/2002).

Vale ressaltar que em dezembro de 2002 os dois investigadores do Denarc, José Carlos de Castilho e Mauro Cesar Bartholomeu, e um informante, Givanildo José de Lima Siqueira Campos, foram condenados a seis e sete anos de prisão, respectivamente, por concussão<sup>12</sup>.

Uma das matérias informa que a revista britânica *The Economist* comparou a cidade de São Paulo à Bogotá, com argumentos como o assassinato do prefeito do Partido dos Trabalhadores (PT) Celso Daniel, o resgate de presos feito através de um helicóptero na cidade de Guarulhos e o aumento da insegurança e do índice de sequestros no Estado, assim como o caso envolvendo os policiais do Denarc, o que mostra que este foi um período conturbado para a cidade de São Paulo.

Além disso, a partir do segundo semestre foi possível notar ações visando recuperar o centro da cidade. Um exemplo é a reforma ao prédio do Departamento de Ordem Política e Social (DOPS), localizado próximo ao metrô da Luz e o projeto da Unesco em parceria com duas Organizações Não Governamentais (ONGs), uma italiana e uma brasileira, de inaugurar a primeira Praça pela Paz Mundial do mundo nessa região que abrigava o antigo Dops. A Praça pela Paz Mundial foi inaugurada em setembro com atividades circenses e shows gratuitos, levando entretenimento a essa região degradada da cidade.

No entanto, ainda sim persistiu o problema do tráfico de drogas e violência na cidade de São Paulo, o que pôde ser comprovado pela pesquisa realizada pela Unesco<sup>13</sup> que aponta uma relação intensa entre a violência e o tráfico, citando a cracolândia como o local com maior incidência de tráfico e consumo de crack.

Por fim, na última quinzena de 2002 foi inserida uma delegacia móvel na região da cracolândia, além da distribuição de cartilhas e materiais didáticos a dependentes químicos.

---

<sup>12</sup> Folha de SP, 10/12/2002: Investigadores e informante são condenados a até sete anos de prisão.

<sup>13</sup> Folha de SP, 08/09/2002: Unesco aponta elo entre tráfico e violência.

### 5.1.7 2003

Em 2003 a cracolândia teve pouco espaço na mídia, como pode ser percebido através das poucas das matérias publicadas pela Folha de SP, apenas 10.

As primeiras publicações foram referentes à recuperação do prédio do Dops e aos escândalos envolvendo os policiais do Denarc, uma vez que em janeiro deste ano os policiais civis Alessandro Ramos da Silva, Hélio Carlo Barba e Guilherme Barbosa Palazzo foram condenados a pagar uma multa por abuso de autoridade, em decorrência dos atos praticados no ano anterior.

Além disso, no início do ano foi apresentado à prefeitura um projeto elaborado pelo arquiteto Paulo Bastos, considerado o então arquiteto da cracolândia, que propunha desapropriar e demolir parte da região da cracolândia visando sua revitalização, através da construção de uma praça de vinte metros quadrados, como pode ser observado no trecho a seguir.

Os casarões antigos, agora cortiços, seriam recuperados e, com menos apartamentos por andar, seriam entregues à população de baixa renda. Prédios comerciais e residenciais seriam reformados e, depois, vendidos com financiamento mais generoso. □Pelo projeto, imóveis seriam demolidos. No lugar, surgiriam duas grandes praças, cada uma do tamanho aproximado de dois campos de futebol. Essas áreas de lazer e convivência se ligariam à Sala São Paulo, ao Dops, à Universidade Livre de Música, ao jardim da Luz, à estação da Luz (futuro Memorial da Língua Portuguesa) e à Pinacoteca do Estado. (Folha de SP, 21/05/2003).

Ademais, em junho de 2003 o Centro de Referência de Álcool, Tabaco e Outras Drogas da Secretaria do Estado da Saúde de São Paulo, localizado na cracolândia, completou um ano, e desde que foi fundado atendeu 1275 pessoas, sendo cerca de 10% com idade entre 13 e 21 anos. Dos atendidos há uma estimativa de que 30% se reabilitaram, o que mostra que a criação desse Centro foi importante para a região, já que os resultados foram significativos, uma vez que conta com um atendimento profissional qualificado.

A diretora do centro, Luizemir Lago, disse que o atendimento é feito por médicos, psiquiatras, assistentes sociais e enfermeiros que acompanham o paciente desde a desintoxicação até o resgate da autoestima. □Das 1.275 pessoas atendidas, 68% se diziam dependentes de álcool/tabaco, 23% de maconha, 12% de crack e 10% de cocaína. (Folha de SP, 25/06/2003).

Na festa de um ano de inauguração houve exposições de artesanato, bem como apresentações musicais e teatrais, em que os participantes eram dependentes químicos, o que demonstra uma abordagem mais humana, com intuito de reinserir esses indivíduos na sociedade.

No entanto, vale ressaltar que o segundo semestre de 2003 foi marcado pela ausência de notícias relacionadas à região da cracolândia na mídia no que se refere às publicações da Folha de SP, o que indica uma menor atenção à região, assim como uma descontinuidade das ações e projetos já existentes.

Entretanto, foi possível notar que as poucas publicações existentes na Folha de SP fazem menções a diferentes assuntos relacionados à cracolândia, o que mostra que não houve nenhum destaque sobre a região e seus moradores que pudesse ser percebido e noticiado pela Folha de SP com maior intensidade neste ano.

#### **5.1.8 2004**

Assim como no ano anterior, em 2004 o tema “cracolândia” esteve afastado da mídia, uma vez que foram publicadas na Folha de SP apenas seis matérias abrangendo esse assunto, sendo que em duas delas a região da cracolândia é apenas citada, sem ser o foco da publicação.

A reportagem mais significativa deste ano diz respeito a um laboratório de processamento de crack localizado no centro de São Paulo encontrado pela polícia, onde foram presos três homens, sendo que um deles era tido como o maior fornecedor de crack para a região da cracolândia.

Segundo o delegado Cosmo Stikovics Filho, o laboratório recebia por semana de 15 a 20 quilos de pasta de cocaína, que vinham da Bolívia no estômago de pequenos traficantes, as "mulas". Eles expeliam no banheiro a droga, que era transformada em crack e revendida. No local, os investigadores apreenderam cerca de 5 kg de crack e 3.000 pedras em saquinhos, pesando no total 1,2 kg, além de R\$ 1.000, duas pistolas e equipamento usado no processamento. (Folha de SP, 12/08/2004).

No entanto, pode-se notar uma satisfação em relação às ações já realizadas na região da cracolândia, apesar do distanciamento deste tema na mídia, o que pode ser consequência dos órgãos públicos, bem como dos envolvidos com a região, acreditarem que esse problema estava perto de ser solucionado, o que, como se sabe, não ocorreu.

Mas nenhuma outra ação pública apresenta um modelo administrativo tão promissor no município como a revitalização da área central. □ Em termos de gerência de políticas públicas, é a mais consistente obra de que Marta Suplicy participa, mas é uma obra que não tem "dono". Justamente por isso é a mais consistente: envolve uma complexa teia de vários segmentos dos governos municipal, estadual e federal, bem como de empresas estatais e, acima de tudo, da comunidade. □ As ruas estão mais limpas e policiadas. Há menos camelôs devido a uma ação do Ministério Público, acatada pela prefeitura. Reformaram-se prédios residenciais e comerciais. Alargaram-se calçadas. Praças e jardins estão mais conservados com o apoio de empresas privadas. (Folha de SP, 05/09/2004).

### 5.1.9 2005

Em 2005 que José Serra tomou posse da Prefeitura de São Paulo e iniciou uma série de ações visando tentar solucionar os problemas que a ex-prefeita Marta Suplicy até então não havia conseguido solucionar, relacionados à cracolândia e a eliminação do consumo e tráfico de crack na região.

Neste ano houve um aumento significativo no número de matérias publicadas pela Folha de SP sobre a cracolândia. Isso ocorreu devido às ações que visavam recuperar o centro da cidade de São Paulo, como a ofensiva policial conhecida por Operação Limpa, por exemplo.

Realizada pelo poder público envolvendo a polícia, vigilância sanitária e setores ligados ao assistencialismo, saúde, limpeza pública, e que resultou em “2.216 abordagens, 426 papalotes de crack apreendidos, 12 flagrantes de tráfico ou porte de drogas, 3 hotéis lacrados com concreto, 3 armas apreendidas, 50 celulares apreendidos, 369 adultos e crianças recolhidos para abrigos, 2 procurados presos e 5.200 CDs apreendidos”. (Folha de SP, 10/03/2005).

No entanto, a Operação Limpa, apesar de visar recuperar a região, teve repercussão negativa, uma vez que foi vista por muitos como uma ação com caráter higienista. De acordo com o professor da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAU) da Universidade de São Paulo (USP), João Whitaker, isso ocorreu devido a um erro de marketing.

Tudo isso começou porque o primeiro nome que foi dada para uma política pública para o centro foi a Operação Limpa [...] e esses enganos não podem acontecer. Se não tivesse chamado a primeira política assim, esse termo não teria surgido na mídia. Não estou dizendo que foi uma coisa higienista, mas que o nome foi muito mal escolhido, isso foi. Foi péssimo. (Folha de SP, 13/11/2005).

Além disso, a maior exposição da cracolândia na mídia também ocorreu devido a projetos de desapropriação de estabelecimentos, assim como diminuição de impostos na região central, que teve como objetivo atrair investidores e comerciantes, sendo estes temas de grande repercussão durante esse ano.

Em junho o prefeito José Serra falou pela primeira vez sobre isenção de impostos para empresas que se instalassem na região central da cidade, embora sem estimar custos ou prazos, com intuito de atrair, principalmente, empresas do ramo de tecnologia. “A Prefeitura de São Paulo vai facilitar a instalação de empresas na área da ‘cracolândia’, no centro. O principal ramo que deverá ser beneficiado é o de tecnologia”<sup>14</sup>. No final de novembro o projeto de incentivo fiscal foi aprovado pela Câmara Municipal.

A Câmara Municipal aprovou [...] o projeto que cria incentivos fiscais para interessados em investir na região da estação da Luz. A proposta enviada pelo prefeito José Serra (PSDB) tem o objetivo de contribuir com o processo de revitalização da região conhecida como "cracolândia". Só serão beneficiados investimentos com valor igual ou superior a R\$ 50 mil. Os empresários, por exemplo, poderão ter redução de 50% no valor do IPTU. (Folha de SP, 24/11/2005).

Os incentivos para os novos comerciantes abrangiam redução de 50% do Imposto Predial e Territorial Urbano (IPTU) e de até 60% do Imposto Sobre Serviços (ISS), durante cinco anos, visando atrair investimentos na região da cracolândia, assim como novos moradores, para, dessa forma, contribuir para a revitalização da área. Assim, esse tema foi apresentado pela prefeitura e exposto na mídia durante o segundo semestre de 2005.

Já as primeiras propostas de desapropriação tiveram início em maio, quando o Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico (CONDEPHAAT) aprovou a proposta de desapropriar e tombiar uma área com aproximadamente 140 imóveis, a qual ainda necessitava de aprovação do Conselho.

Em setembro de 2005 o prefeito de São Paulo anunciou que 105 mil metros quadrados da cracolândia seriam transformados em área de utilidade pública, a fim de contribuir para a elaboração de um plano de urbanização no centro da cidade. “O prefeito José Serra (PSDB) decidiu desapropriar os imóveis existentes em uma área equivalente a cerca de dez quarteirões na "cracolândia" – uma das regiões mais degradadas do centro de São Paulo”<sup>15</sup>.

---

<sup>14</sup> Folha de SP, 26/07/2005: Prefeitura vai cobrar imposto menor de empresa na região da "cracolândia".

<sup>15</sup> Folha de SP, 09/09/2005: Prefeitura decide desapropriar "cracolândia".

Levantamento preliminar da Subprefeitura da Sé indica que cerca de 250 imóveis podem ser desapropriados e demolidos na região conhecida como "cracolândia" [...]. Esses imóveis, a maioria casas baixas, de dois ou três andares, ficam dentro da área de 105 mil m<sup>2</sup> que a gestão José Serra (PSDB) declarou como sendo de utilidade pública há três semanas. Ao todo, a área engloba 750 imóveis, inclusive alguns preservados. □ A declaração de utilidade pública é o primeiro passo para uma possível desapropriação, medida que o subprefeito da Sé, Andrea Matarazzo, considera essencial para a reurbanização da região. □ No lugar dos imóveis degradados seriam construídos prédios ligados aos setores de tecnologia e cultura. Os custos serão bancados pela iniciativa privada por meio de um plano de incentivo fiscal que prevê desconto de até 50% no IPTU (Imposto Predial e Territorial Urbano) e de até 60% no ISS (Imposto Sobre Serviços). (Folha de SP, 04/10/2005).

No entanto, isso causou uma reação negativa em alguns comerciantes da região que temiam tais desapropriações.

A migração de usuários de drogas para outras áreas paulistanas também foi notícia nesse ano. Devido às ações policiais, os usuários de drogas migravam para regiões próximas à cracolândia, onde não havia policiamento intenso, aumentando a insegurança, retornando logo após o término da operação.

A operação policial na "cracolândia" foi criticada por comerciantes locais como ação isolada. Para eles, a presença da polícia no local é benéfica, mas precisa ser constante e não fruto de uma operação específica. □ "Agora que a polícia está aqui pode até resolver, mas é só eles (policiais) irem embora que todos os traficantes voltam. Isso só serve para colocá-los em outro lugar por um período", afirmou a comerciante Dirce dos Santos, 51, que há dez anos tem ponto na região. □ (Folha de SP, 09/03/2005).

Além disso, neste ano foi dada uma maior importância às ações sociais para recuperar o centro da cidade, como uma etapa fundamental para tentar solucionar este complexo problema do consumo e tráfico de drogas na cracolândia.

Especialistas ouvidos pela **Folha** afirmaram que apenas a ação policial não é suficiente para recuperar áreas como a "cracolândia". Além de uma ação conjunta entre governo do Estado e prefeitura, eles cobram ações continuadas que, além das medidas policiais, sejam acompanhadas de ações de cunho social [...] Em ações como a Operação Limpa, as pessoas da região "desaparecem por um tempo, depois voltam". (Folha de SP, 09/03/2005).

A Operação Limpa, que teve início em março em parceria entre a Prefeitura da cidade de São Paulo, o Governo do Estado de São Paulo e a Polícia Federal, tinha como objetivo revitalizar a região central da cidade através tanto de ações policiais, como sociais.

A ofensiva policial, batizada de Operação Limpa [...] a meta é revitalizar o local, próximo à estação da Luz. Iniciativas sociais, como trabalhos com traficantes e prostitutas, a pintura de calçadas e a troca de iluminação, terão duração ainda maior. □ Por enquanto, o foco principal é a repressão policial, resultado de uma parceria entre os órgãos dos governos tucanos do Estado e da capital paulista e a Polícia Federal. Aliado a isso, teve início anteontem a pintura de sarjetas, a limpeza de ruas e calçadas e a troca de placas de sinalização. □ No balanço do primeiro dia, foram abordadas 740 pessoas. (Folha de SP, 09/03/2005).

O trecho a seguir mostra como foi o início dessa operação e como isso impactou de modo positivo na região.

A operação em curso desde a última terça-feira pretende conjugar a atuação policial com pequenas ações nas áreas urbanística e social. Anteontem, paralelamente a uma ofensiva que envolveu 220 homens das polícias civil, federal e militar, teve início a pintura de sarjetas, a limpeza de ruas e calçadas e a troca de placas de sinalização. Além disso, há dez dias, funcionários da Subprefeitura da Sé estão realizando uma triagem de usuários de drogas e moradores de rua para encaminhamento a abrigos e unidades de tratamento. □ A "Operação Limpa" poderá constituir uma etapa importante para a recuperação do centro, onde, entre outras iniciativas, já se construiu a Sala São Paulo e reformou-se a Estação da Luz. (Folha de SP, 10/03/2005).

É possível observar também que as ações policiais realizadas na cracolândia resultaram em apreensão de drogas e armas, prisões e estabelecimentos interditados, o que, se considerado apenas o curto prazo, é um resultado positivo.

No entanto, essas ações enfrentaram um problema, já que uma grande parte dos usuários de drogas da região se mostravam indiferentes à presença de pessoas e até mesmo da própria Polícia Militar.

A presença de policiais pouco incomodou os usuários de crack, que consumiam a droga a poucos metros dos PMs. Um policial disse que a região "é um caso sem cura". "Às vezes, a gente prende o usuário e leva para a delegacia. Quando a gente volta, o mesmo usuário já está de novo na praça, fumando." [...] A maior presença de policiais durante a operação alterou pouco a rotina. "Ontem à noite isso aqui estava cheio, todo mundo fumando (crack). Mas fica sempre alguém de olho. Quando a polícia chega, grita:



"Olha a loira (PM)!" Só o que eles acabam encontrando são os cachimbos", afirmou um usuário de droga. A maior parte dos comerciantes da área se mostra reticente em relação ao sucesso da operação. "Enquanto a polícia está aqui, fica tudo ótimo. Mas é só eles saírem para voltar todo mundo. Já vi esse filme antes", afirmou o vendedor de sapatos Antonio Maria. (Folha de SP, 11/03/2005).

Assim, pode-se inferir que no ano de 2005 houve uma maior preocupação com o problema da cracolândia, principalmente se considerarmos o número de publicações sobre o tema na Folha de SP, que é quase o triplo se comparado ao ano com mais matérias publicadas de 1996 até 2005.

#### 5.1.10 2006-2007

No ano de 2005 a região central, com foco na cracolândia, foi priorizada. A prefeitura e a polícia realizaram diversas operações na região, as quais incluem fechamento de bares e hotéis antes frequentados por usuários de crack, traficantes e prostitutas. Além disso, foi decretada como utilidade pública uma área de 750 imóveis, o que, com incentivos fiscais e redução do IPTU e ISS, atrairá novas empresas para o local. Essas ações fazem parte da criação do projeto "Nova Luz" anunciado pelo prefeito de São Paulo José Serra em 2005. Segundo o *site* do projeto Nova Luz em São Paulo "[...] a iniciativa prevê, entre outras ações, a valorização dos prédios históricos, reforma das áreas livres públicas, criação de espaços verdes e de lazer e a melhoria do ambiente urbano da região"<sup>16</sup>.

As matérias publicadas pela Folha de SP mostram que o fenômeno da cracolândia era tido como parcialmente solucionado, visto que a polícia conseguiu fazer com que os usuários de droga e traficantes se escondessem ou migrassem da região. Assim, a prefeitura já considerava como Nova Luz a ex-cracolândia, visto declaração do subprefeito da Sé, Andrea Matarazzo "Se eu for ao Morumbi ou a outros lugares, também vou ver menino usando crack. O importante é que a 'cracolândia' não é mais aquela coisa concentrada, um endereço do crime"<sup>17</sup>. Agora o trabalho consistia em listar os imóveis que seriam demolidos ou desapropriados pelo projeto de revitalização do bairro Luz.

Um diferencial foi a inserção do setor privado no projeto de revitalização, uma vez que a prefeitura considerou que empresas privadas teriam um importante papel na região. Assim, essas empresas seriam as responsáveis por recuperar a área, em conjunto com o setor público,

---

<sup>16</sup> Disponível em: <<http://www.novaluzsp.com.br/projeto.asp>>. Acesso em: 01 fev. 2012.

<sup>17</sup> Folha de SP (05/01/2006): Balanço 2005.

instalando-se nos imóveis que seriam, posteriormente, desapropriados e demolidos, dando lugar a novos empreendimentos que revitalizem a região.

No entanto, o processo para transformar a cracolândia em um polo dinâmico de desenvolvimento urbano, incluindo o uso comercial e residencial, assim como lazer, não se mostrou uma tarefa fácil. Cerca de um ano após a Operação Limpa realizada na cracolândia, consumidores e traficantes voltaram para a região, porém, no início, com menor intensidade ou em novos endereços. Visto que a mídia expôs essa realidade, a prefeitura e as polícias civil e militar realizaram poucas operações durante o ano, visando prender traficantes e fechar estabelecimentos irregulares que serviam como ponto de venda de crack.

Desse modo, a partir das matérias analisadas, percebe-se a importância do projeto Nova Luz na região conhecida como cracolândia, o qual prevê a revitalização do bairro Luz, no centro de São Paulo. Entretanto, apesar de muito se falar na recuperação da cracolândia, esta permaneceu durante muito tempo como um projeto da prefeitura de São Paulo. “Um ano depois de iniciada, a reurbanização da ‘cracolândia’, na região da Luz (centro de São Paulo), ainda se restringe a slides e relatórios preparados pela prefeitura para impressionar investidores. Na prática, não saiu do papel.”<sup>18</sup>.

Em outubro de 2007 teve início a revitalização da cracolândia, com a demolição dos primeiros imóveis. “Até o início de 2008 devem ser demolidos 50 imóveis em duas quadras da mesma rua. Nos locais serão construídos prédios que vão abrigar a Prodam (empresa de processamento de dados da prefeitura) e, provavelmente, a Subprefeitura da Sé.”<sup>19</sup>.

### **5.1.11 2008**

A declaração dada no início de 2008 pelo então prefeito de São Paulo, Gilberto Kassab, de que a cracolândia não existiria mais, especulação que teve início no ano anterior, chamou muita atenção e teve grande repercussão. No entanto, sabe-se que a cracolândia nunca deixou de existir e que moradores de rua, grande parte crianças e adolescente, ainda consumiam crack à luz do dia na região da cracolândia.

O prefeito Gilberto Kassab (DEM) afirmou ontem que a região conhecida como cracolândia, no centro de São Paulo, não existe mais. "Não, não existe mais a cracolândia. Hoje existe uma situação completamente diferente

---

<sup>18</sup> Folha de SP (03/09/2006): Recuperação da "cracolândia" ainda não passa de projeto.

<sup>19</sup> Folha de SP (27/10/2007): Demolição de imóveis inicia a revitalização da cracolândia.

daquela que existia três anos atrás. Hoje é uma nova realidade", declarou. □ Mas tanto na região onde a prefeitura há três anos iniciou um projeto de revitalização, quantos nas ruas ao redor, o consumo de drogas continua explícito, especialmente crack. Na tarde e na madrugada de ontem, a Folha percorreu a cracolândia [...] e flagrou dezenas de pessoas consumindo drogas. (Folha de SP, 14/02/2008).

Ainda assim é possível observar que, se comparada há anos anteriores, a cracolândia está passando por um processo de recuperação que progride para o sucesso, visto que foram realizadas megaoperações com apreensão de drogas, prisão de traficantes e estabelecimentos irregulares interditados.

A operação iniciada ontem pela Polícia Militar e pela prefeitura na cracolândia, região central de SP, terminou com saldo de 150 carros vistoriados e 207 pessoas abordadas -15 foram detidas. □ Aproximadamente cem usuários de drogas, entre eles 21 crianças, foram encaminhados para tratamento em hospitais da região, mas a maioria fugiu depois de os policiais militares deixarem os locais. □" (Folha de SP, 26/03/2008).

As ações e megaoperações policiais tiveram sua área de atuação expandida, visto que houve uma migração de usuários de crack para ruas próximas à região da cracolândia, fato que vem se intensificando com o passar dos anos.

[...] A cracolândia continuava existindo, mas parte dos usuários havia se deslocado para áreas vizinhas [...] Segundo a PM, em 2007 foram cerca de 46 mil abordagens, com 240 flagrantes de tráfico e a apreensão de 20 kg de drogas. Neste ano já foram outras 4.000 abordagens e 39 flagrantes. (Folha de Sp, 25/03/2008).

Entretanto é fato de que o consumo e tráfico de drogas ainda existe na região, o que leva insegurança à população.

No final de 2008 o prefeito de São Paulo Gilberto Kassab afirmou que pretendia transformar a revitalização da cracolândia no foco do seu segundo mandato como prefeito, o que demonstra a dedicação do prefeito e, como consequência direta, da prefeitura, e o empenho para solucionar esse problema que se originou no início da década de 1990.

Já estão previstos gastos de pelo menos R\$ 150 milhões na reforma e restauração de edifícios históricos, como Sampaio Moreira, na rua Libero Badaró, e o Theatro Municipal, na praça Ramos de Azevedo, e novos projetos culturais, como a praça das Artes, no entorno do Municipal, e a escola de circo Piolin, no largo do Paissandu. □ Isso sem contar a ocupação do edifício Esther, na praça da República, do antigo Cine Art Palácio, no

largo do Paissandu, e o maior de todos, o projeto Nova Luz, de revitalização da cracolândia. (Folha de SP, 05/11/2008).

Além disso, o prefeito Gilberto Kassab afirmou em junho de 2006 que uma proposta de ampliação do Projeto Nova Luz seria apresentada à Câmara Municipal, como pode ser observado a seguir.

Mesmo emperrado pela lentidão nos processos de desapropriação dos terrenos, o projeto Nova Luz, de revitalização da cracolândia, será ampliado pela Prefeitura de São Paulo. □ O prefeito Gilberto Kassab (DEM), candidato à reeleição, confirmou que enviará, "nos próximos dias", um projeto de lei à Câmara propondo a ampliação da área onde a prefeitura concede incentivos fiscais para a instalação de empresas em um trecho da região central de São Paulo conhecido pelo consumo de drogas – principalmente crack – a céu aberto. □ (Folha de SP, 17/06/2008).

No entanto, nota-se uma insatisfação em relação às consequências das ações da Prefeitura de São Paulo, do Estado e das polícias civil e militar, no que tange o Projeto Nova Luz.

[...] Seria, no entanto, mais adequado que o poder público ouvisse os moradores da região e se ocupasse antes do entorno do palácio, completamente abandonado e transformado na nova cracolândia depois das ações desastradas da prefeitura que, além de não conseguir resolver o problema da Luz, ainda espalhou trevas e miséria para todos os bairros vizinhos. (Folha de SP, 21/12/2008).

Assim, apesar dessas ações e projetos visarem o fim da cracolândia, o problema ainda persiste e, para piorar, ainda foi espalhado para regiões vizinhas.

### **5.1.12 2009**

A região da cracolândia teve grande espaço na mídia no ano de 2009, já que neste ano houve o maior número de publicações relacionadas à cracolândia pela Folha de São Paulo, desde 1996, ano em que surgiu a primeira referência à região com o nome de “cracolândia”. (Tabela 2).

No final de fevereiro o prefeito reeleito da cidade de São Paulo, Gilberto Kassab, enviou um projeto de concessão urbanística à Câmara Municipal, propondo transferir o direito de desapropriação dos imóveis da cracolândia para a iniciativa privada. “O mecanismo permite que a municipalidade transfira a empresas particulares, mediante licitação, o poder de realizar

grandes intervenções”<sup>20</sup>, o que impactaria maior rapidez na reurbanização da região. Esse projeto foi aprovado pela Câmara dois meses depois, em abril.

Com a aprovação, Kassab poderá leiloar a região a empresas ou consórcios, que ganham o direito de desapropriar terrenos na área concedida. [...] □ A concessão é uma nova tentativa de Kassab de recuperar a região da Nova Luz, conhecida como cracolândia, projeto que vem se arrastando há quatro anos e que nunca saiu do papel. □ Estão incluídos no perímetro a ser leiloado os terrenos entre as avenidas São João, Ipiranga, Cásper Líbero e Duque de Caxias e rua Mauá, alguns dos mais degradados da cidade. □ A ideia da terceirização é acelerar o processo de desapropriação, já que a iniciativa privada poderá negociar diretamente com o proprietário do imóvel e até aceitá-lo como sócio de um empreendimento. (Folha de SP, 23/04/2009).

Quanto ao uso das áreas desapropriadas, a prefeitura afirmou ainda no primeiro bimestre de 2009 que o objetivo era “misturar comércio, serviços e residências na cracolândia – área rebatizada como Nova Luz. □ Em 22 das 25 quadras o uso será misto”<sup>21</sup>.

No entanto, comerciantes da rua Santa Ifigênia realizaram um protesto que teve participação de aproximadamente 200 pessoas, sendo motivado pelo medo destes de “perder seus imóveis – ou a capacidade de pagar o aluguel – por causa de pressão da especulação imobiliária”<sup>22</sup>.

O projeto também recebeu críticas de professores de universidades localizadas em São Paulo, uma vez que a região necessitava de um maior investimento em infraestrutura para suportar a reurbanização, já que seria necessário melhorar a educação e saúde na região. Para estes professores, sem uma infraestrutura adequada o projeto não obteria êxito no longo prazo. (FOLHA DE SP, 03/07/2009).

Assim, é possível perceber que Kassab tomou diversas atitudes relacionadas à cracolândia neste ano, tornando-a a principal bandeira de seu segundo mandato. Confiante na reurbanização da região, Kassab chegou a afirmar que o Projeto Nova Luz seria concluído até o final do ano, fato que não ocorreu.

Ações policiais interventivas também ocorreram em 2009, mas, assim como nos anos anteriores, logo após tais ações moradores de rua voltavam a consumir crack nas ruas, o que mostra ineficiência dessas ações isoladas.

Além disso, a prefeitura colocou equipes à paisana em regiões do centro de São Paulo em que ocorre consumo e tráfico de drogas, com foco na cracolândia.

---

<sup>20</sup> Folha de SP, 01/03/2009: Concessão urbanística.

<sup>21</sup> Folha de SP, 26/02/2009: Diretrizes para a cracolândia são apresentadas.

<sup>22</sup> Folha de SP, 18/03/2009: Projeto de desapropriação no centro é alvo de protesto.

São 16 "espiões da prefeitura", que contam o número de pessoas concentradas em determinado local e registram a cena, sem flash, para não chamar a atenção. Fazem, em média, três contagens por dia, inclusive durante a madrugada. Trata-se de uma unidade reservada da Secretaria Municipal de Segurança Urbana, que usa as imagens para monitorar eventual aumento ou diminuição de pessoas na rua, identificar traficantes e traçar um perfil dos usuários de drogas. (Folha de SP, 25/07/2009).

Visando solucionar o problema do tráfico e consumo de drogas, em setembro o Governo de São Paulo anunciou um plano que pretendia encaminhar dependentes químicos para centros de tratamento, oferecendo a eles assistência social.

[...] Essa é a principal novidade do plano desenhado para tentar diminuir a incidência do uso de drogas na cracolândia, onde, apesar das várias ofensivas repressivas, continuam as imagens de consumo do crack - que atrapalham os projetos de revitalização da Luz, uma das promessas do governador José Serra (PSDB) e do prefeito Gilberto Kassab (DEM). □ O sucesso vai depender, segundo técnicos do governo, do encaminhamento dos viciados para centros de tratamento psiquiátrico, com a oferta de leitos nos hospitais, enquanto se aumenta a fiscalização policial. [...] Além do atendimento médico, o plano prevê a construção de uma rede para oferecer ao dependente de drogas uma porta de saída. [...] A parte mais vulnerável do projeto, porém, é o tratamento psiquiátrico, sem o qual é praticamente impossível deixar a dependência de drogas. (Folha de SP, 22/07/2009).

Este plano foi colocado em prática e a prefeitura, em conjunto com a polícia, passou a encaminhar dependentes químicos para tratamento.

A promessa é manter cerca de 70 policiais militares 24 horas por dia na região, além de um grupo de 120 agentes de saúde, das 9h às 22h, com objetivo de encaminhar dependentes químicos para tratamento. □ Ontem, os agentes fizeram 41 atendimentos. Cinco pessoas foram internadas por problemas de saúde. Nove seguiram para centros de atendimento a viciados, 24 para postos de saúde e dois para tratamento de Aids. (Folha de SP, 23/07/2009).

No entanto, houve uma resistência por parte dos usuários de crack, já que em uma das ações realizadas por agentes da saúde na região para encaminhar dependentes químicos para tratamento, 80% recusaram o tratamento.

Cerca de 80% dos moradores de rua - a maioria consumidores de crack - abordados por agentes de saúde nos dois primeiros dias da ação na cracolândia recusaram atendimento. Boa parte dos que passam o dia nessa região do centro de São Paulo nem sequer responde a perguntas das equipes. □ Até o final da tarde de ontem, os agentes haviam feito 332 abordagens. Sessenta e seis pessoas concordaram em ir para postos de saúde passar por

avaliação médica. Doze precisaram ser internadas. (Folha de SP, 24/07/2009).

O que também chamou a atenção foi o aumento no número de roubos em bairros próximos à região da cracolândia, fato que já vinha acontecendo nos anos anteriores devido a migração de usuários de drogas para regiões próximas à cracolândia, consequência de ações policiais já realizadas no centro de São Paulo.

Vizinhos da cracolândia, os bairros de Santa Cecília e Higienópolis tiveram um aumento em dois índices de criminalidade (furtos de veículos e roubos) e queda em um (furto), entre os meses de julho e setembro deste ano, na comparação com o mesmo período de 2008. □ No trimestre, foram 342% mais roubos que no mesmo período de 2008 em Santa Cecília (de 7 para 31) e 25% mais em Higienópolis (de 8 para 10). □ Os dados são do Infocrim, sistema usado pelas polícias para mapear crimes. □ As mudanças nesses índices de violência coincidem com o período da ação Centro Legal, com a qual a polícia e a prefeitura tentam reduzir os índices de violência na região conhecida como cracolândia, na Luz. □ (Folha de SP, 05/10/2009).

Outro tema que merece destaque foi a proposta da prefeitura de aumentar do IPTU para o ano de 2010.

O aumento máximo para imóveis residenciais será de 30%, e não mais os 40% do projeto original de Kassab. Para os comerciais, o aumento máximo será de 45%, e não mais de 60%, como queria antes o prefeito. □ A isenção, agora, valerá para imóveis comerciais com valor venal igual ou inferior a R\$ 70 mil. [...] No caso dos imóveis residenciais, não houve alteração em relação ao projeto de Kassab: a isenção valerá para aqueles com valor venal de até R\$ 92,5 mil. Ao todo, cerca de 1 milhão de contribuintes não pagarão IPTU no ano que vem. □ (Folha de SP, 02/12/2009).

Ademais, no final do ano foi divulgada uma lista com os escritórios que iriam concorrer para ganhar a oportunidade de realizar o projeto urbanístico em questão.

Nove escritórios de arquitetura enviaram propostas na licitação para contratar o projeto urbanístico da chamada Nova Luz, encerrado ontem. O objetivo é revitalizar área conhecida como cracolândia, na região central. □ Hoje, será divulgada a lista de participantes da concorrência. O processo de escolha levará dois meses e selecionará um escritório – e não uma proposta específica. □ O vencedor terá quatro meses para apresentar uma proposta inicial de intervenção, de acordo com a prefeitura. □ Depois da concorrência, a prefeitura abrirá outro processo, dessa vez para escolher a empresa que ganhará direito de explorar urbanisticamente a área e executar o projeto de reurbanização. □ (Folha de SP, 18/12/2009).

Dessa forma, o ano de 2009 terminou sem que o Projeto Nova Luz “saísse do papel”, sendo que, apesar de novos projetos e mudanças pontuais terem sido realizados nesse ano, a fase prática do Projeto não foi iniciada.

### **5.1.13 2010**

O projeto “Nova Luz” foi criado em 2005, mas pouco se fez nos cinco anos subsequentes. As matérias publicadas pela Folha de SP desde o início de 2010 mostram que o programa de revitalização da região conhecida como cracolândia ainda não está concluído.

Muito se discute sobre quantos e quais imóveis serão desapropriados, demolidos, reformados ou permanecerão intactos, visando aumentar o interesse imobiliário pela reurbanização da região. Desse modo, o que ocorre é o atraso nas obras para a revitalização da região.

Em 2010 foi criado o consórcio com quatro empresas vencedoras de uma licitação para realizar o projeto de reurbanização da ex-cracolândia, atual Nova Luz. As empresas são a norte americana Aecom, a Cia. City, a Concremat e a Fundação Getulio Vargas (FGV).

Quanto ao tratamento dos usuários de drogas, em fevereiro de 2010 a prefeitura de São Paulo construiu em um antigo motel de Heliópolis, zona sul, o primeiro serviço público de atenção a dependentes de álcool e drogas com leitos de curta permanência, como publicado pela Folha de SP, no qual os dependentes da cracolândia teriam prioridade.

A expectativa da prefeitura é atender 500 dependentes por ano. O tempo de permanência do paciente nessa unidade é de 30 dias, podendo ser prorrogado por mais 60 dias. Após esse período, se necessário, o paciente será encaminhado para internação em uma clínica conveniada. (Folha de SP, 06/02/2010)

Além disso, para combater o tráfico e os consumidores na região, operações policiais foram realizadas durante o ano. No entanto, a maior parte dos suspeitos abordados retornou à cracolândia após as operações da polícia. O principal motivo foi a falta de infraestrutura para atender aos viciados.

O problema da migração dos usuários de crack para regiões próximas à cracolândia, devido às operações policiais, teve um maior espaço na mídia no ano de 2010, visto o número de matérias relacionadas a moradores de bairros como Higienópolis e Pacaembu que reclamavam da invasão dos moradores de rua.



Bairro nobre da região central de São Paulo, o Pacaembu virou um dos principais destinos de moradores de rua exilados pelas operações policiais da cracolândia e pelo fechamento de albergues no ano passado. [...] Vizinho ao Pacaembu, o nobre Higienópolis também viu suas ruas arborizadas serem ocupadas pelos sem-teto. (Folha de SP, 01/03/2010)

Ademais, notou-se que a mídia tinha mais informações e conhecimento a respeito do crack e dos efeitos da droga, de modo que mais matérias explicando o fenômeno da cracolândia e suas consequências foram publicadas.

#### **5.1.14 2011**

O ano de 2011 seguiu com notícias semelhantes as do ano anterior sobre a cracolândia. Apesar das diversas ações realizadas pela prefeitura e pelas polícias de São Paulo, o número de dependentes internados desde 2009, quando a Ação Integrada Centro Legal teve início, foi inferior a 1%. “Nesse período, os agentes abordaram 124.129 pessoas; dessas, 7.525 foram levadas para unidades de saúde e 1.219 internadas.”<sup>23</sup>

Isso mostra que, embora essas operações tenham efeito no curto prazo, não resolve o problema dos usuários, sendo o tratamento inviabilizado pela ausência de atendimento ou resistência dos dependentes químicos.

Além disso, neste ano foi descoberta uma nova droga, chamada “oxi”, feita a partir de uma pasta base da cocaína em forma de pedra oxidada. No início do ano foram apreendidos aproximadamente 60 quilos da nova droga na região da cracolândia, o que indica a necessidade de maior policiamento na região, visto que esta é mais letal e mais barata que o crack. De acordo com a declaração do delegado Reinaldo Correa “a droga é facilmente confundida com o crack e, justamente por isso, hoje, os policiais do Denarc têm recebido treinamento para distinguir uma da outra.”<sup>24</sup>

Visando auxiliar no tratamento dos dependentes, o Ministério da Saúde comprometeu-se a repassar uma verba para a prefeitura de São Paulo até o fim de 2011, de modo que sejam inseridos consultórios de rua para atendimento a dependentes químicos na cracolândia.

Os consultórios de rua serão ocupados por médicos, enfermeiros e psicólogos. Funcionarão ininterruptamente, percorrendo locais onde há

---

<sup>23</sup> Folha de SP (08/01/2011): Menos de 1% dos dependentes deixam as ruas.

<sup>24</sup> Folha de SP (02/05/2011): Polícia apreende 60kg de nova droga.

maior concentração de viciados. As equipes poderão, segundo o ministro, internar os dependentes químicos para tratamento. (Folha de SP, 19/11/2011).

Dessa forma, infere-se que a mídia passou a dar espaço para questões de tratamento aos usuários de drogas, ao invés de ações policiais que impactam apenas na migração dos viciados para outros locais próximos à região, sem um tratamento adequado.

Concomitantemente, o Projeto Nova Luz permaneceu na mídia, uma vez que, apesar de ter sido criado em 2005, a prefeitura não concluiu seu plano urbanístico, avançando lentamente, e teve duas audiências públicas canceladas devido a protestos de comerciantes da região.

Lojistas do entorno abaixaram as portas e se reuniram por volta das 15h, para protestar contra o projeto, que prevê a demolição de 30% da área conhecida como cracolândia. Trabalhadores temem ficar desempregados e, lojistas, perder o comércio. Acompanhados de carro de som, apitos e nariz de palhaço, eles seguiram em passeata até a Fatec, na Avenida Tiradentes, onde ocorreria a audiência pública. (Folha de SP, 15/01/2011).

Segundo o presidente da Associação de Comerciantes da Santa Ifigênia (ACSI), Paulo Garcia “O objetivo do protesto é mostrar que aqui não é cracolândia. Aqui tem trabalhadores e uma história de mais de 200 anos”.

Dessa forma, em matérias publicadas no primeiro trimestre de 2011, o projeto seria entregue a uma empresa privada que revenderia os imóveis em troca de lucro. A ideia é que os prédios abriguem tanto comércios, como residências e escritórios, e que a licitação para a escolha da empresa ocorra no início de 2012.

Uma novidade foi que pela primeira vez foi estipulado um prazo para a conclusão do projeto: 15 anos. Desse modo, a revitalização da região da cracolândia ocorreria em três etapas, de cinco anos cada. Além disso, projetos indicam que a região da Nova Luz terá infraestrutura verde, ou seja, ciclovias nas principais avenidas, estações de abastecimento de carros elétricos e espaço para triagem de lixo orgânico para os edifícios novos.

### **5.1.15 2012**

Apesar do tema “cracolândia” ser de conhecimento público desde o início da década de 90 e o Projeto “Nova Luz” ter sido criado em 2005 no mandato de José Serra, foi no final de 2011 e início de 2012 que as matérias sobre a região da cracolândia ganharam grande espaço na

mídia. Apenas no primeiro mês de 2012 a Folha de SP publicou o dobro de notícias sobre a crackolândia do que no ano anterior inteiro.

Como nos anos anteriores, as operações policiais no início do ano na região continuaram sem sucesso no longo prazo, visto que estas apenas fizeram com que os usuários mudassem para outras regiões e retornassem com o término das operações. Isso ocorreu devido à ausência de um complexo de atendimento a dependentes químicos, o qual está previsto para ser inaugurado no início de fevereiro. “O novo espaço, cuja abertura está prevista para apenas daqui a 30 dias, terá um centro de convivência para 1.200 pessoas, incluindo crianças, e albergue. O complexo terá também um Caps (Centro de Atenção Psicossocial) e um posto de saúde.” (Folha de SP, 05/01/2012)

Assim, para frear o tráfico e consumo de crack na região central de São Paulo a prefeitura iniciou uma operação policial no início de janeiro. No entanto, houve dificuldade para tratar os dependentes, visto que órgãos de assistência social apenas foram avisados sobre a operação cinco dias antes de a mesma ter início.

Poucos dias depois, tendas para auxiliar moradores de rua foram instaladas na crackolândia e 15 postos de Assistência Médica Ambulatorial (AMAs) passaram a dar atendimento preferencial para usuários de crack. Apesar dessas ações, a prefeitura enfrentou problemas, uma vez que nem todos os usuários conseguiam ser internados por falta de vaga. No entanto, no dia 10 de janeiro foi comprovado que as internações aumentaram 68% em um período de 24 horas, e 106 dependentes foram internados do dia 3 ao dia 20 de janeiro. Assim, isso mostra que a prefeitura deixou de dar atenção somente para o Projeto Nova Luz e para ações policiais que visam disseminar os usuários pela cidade.

O Projeto Nova Luz ainda aguarda o licenciamento ambiental e está atrasado, de modo que dificilmente o prazo será cumprido.

“Só com essas aprovações, a prefeitura poderá fazer o edital de licitação (que precisará ser aprovado pelo Tribunal de Contas do Município), depois esperar 30 dias para consultas e só então chamar o concurso, com dois ou três meses para os interessados.” (Folha de SP, 22/01/2012).

São três as fases que visam recuperar o centro de São Paulo. A primeira, com prazo de 30 dias, consiste em forçar usuários de crack a procurar ajuda médica, a segunda é oferecer atendimento, tanto de saúde, como social, aos viciados, e a terceira, dispersar grupos de moradores de rua.

Essas ações já colocadas em prática pela prefeitura e pela polícia militar agradaram os comerciantes da região, visto que a concentração de dependentes na região diminuiu. Segundo um comerciante da região da cracolândia entrevistado pela Folha de SP "Antes os clientes tinham medo de vir até aqui, agora até o ar melhorou". Já outro comerciante afirmou: "É óbvio que a 'limpeza' foi ótima para mim, mas isso aí é caso social, tem que ser resolvido pelos governantes que criaram a situação" <sup>25</sup>.

No entanto, muitas críticas foram feitas, uma vez que alguns escândalos envolveram policiais, os quais foram acusados de agressão e abuso de poder, além de críticas referentes à falta de preparo da prefeitura de São Paulo.

Ademais, o que mais chamou a atenção foram as inúmeras mudanças no Projeto Nova Luz, desde sua criação, em 2005, até hoje, e a ausência de ações para coloca-las em prática, além da inexperiência da prefeitura de São Paulo e da Polícia Militar para tratar do fenômeno da cracolândia durante seus 20 anos de existência.

## **5.2 Entrevistas**

Três entrevistas foram realizadas durante a pesquisa, com base em um roteiro de entrevista semiestruturado que pode ser observado no Apêndice B.

A primeira entrevista foi na Centauro Equipamentos de Cinema e Teatro, com a diretora do departamento financeiro e dona da empresa, Miriam Ciocler. Assim, através do método *snowball*, já explicado anteriormente, foram realizadas as demais entrevistas, por indicação de Miriam Ciocler. Dessa forma, a segunda entrevista foi realizada com o fundador da empresa da São Luiz de Cinemas, atual Grupo Centerplex Cinemas e presidente do Sindicato dos Exibidores do Estado de São Paulo, Sr. Eli Jorge de Lima, e a última com o Sr. Marco Jonas, ex-gerente da Trancham e atual funcionário da Centauro.

### **5.2.1 Entrevista com Miriam Ciocler**

A Schatzmann & Cia foi fundada em 1936, mas somente em 1952 o imigrante romeno Abram Ciocler tornou-se sócio da empresa, a qual passou a se chamar Mansberger & Ciocler Ltda. No ano de 1968 Ciocler assumiu o controle da empresa, que passou a ser chamada Centauro

---

<sup>25</sup> Folha de SP (07/01/2012): Comerciantes aprovam ação da PM; concentração diminui na área

Equipamentos de Cinema e Teatro. A entrevistada Miriam Ciocler é filha de Ciocler e diretora do departamento financeiro da Centauro Cinema.

Ao chegar ao local da entrevista, na Rua dos Gusmões, pode-se perceber que a rua é deserta, principalmente comparado às demais ruas em torno da empresa. Os prédios e casas da rua e quarteirão são antigos, abandonados e degradados. Existem poucas lojas próximas e não há um comércio “vivo” no local.

O prédio da Centauro é o único reformado da rua. A entrada é fechada, por se tratar de uma indústria e não de um varejo. É necessário utilizar o interfone para falar com a secretária e identificar-se.

Do lado de fora do prédio, o degrau que dá acesso à porta de entrada possui diversas pontas, de modo a evitar que as pessoas da região, principalmente os usuários de crack, se sentem nele.

Após a chegada à empresa e identificação, encontramos a mãe da entrevistada, que ficou com receio de nos receber, uma vez que, segundo a secretária, ela achou que poderíamos ser jornalistas e que poderíamos falar algo que prejudicasse a imagem da empresa.

Quanto à recepção, esta é bem pequena, mas organizada e limpa, e há uma secretária. Se comparado às outras partes (salas e seções) da empresa, nota-se que a recepção é o único local “adequado” para receber visitantes, já que o interior do prédio é desorganizado e não demonstra preocupação com aparência, uma vez que se trata de uma indústria, como já citado anteriormente.

A entrevista ocorreu na sala da Miriam. Sua sala também é pequena, com pouco espaço para guardar documentos e equipamentos, de modo que passa uma impressão de “desorganização”.

Durante a entrevista, Miriam passou uma impressão de reluta pelo local e pela propriedade, devido à história da empresa, a qual foi fundada pelo seu pai e ela sempre esteve presente, bem com o seu irmão, também diretor da Centauro. Ademais, ela gosta muito da região e quer continuar no local, devido à história e relação com o bairro.

A empresa tem 75 anos, eu sempre tive nesse bairro. A gente tem uma história aqui. A gente é uma indústria, a gente é super sério, a gente tá centrado aqui. Aqui dentro é limpo, a gente paga imposto, a gente contribui. A gente não sonega. Eu não sei por que eu tenho que sair. O imóvel é meu.

Ele tá totalmente legal, eu tenho licenças da prefeitura. Não é assim que funciona. (informação verbal)<sup>26</sup>.

Além disso, ela mostrou-se muito incomodada com a prefeitura e o Projeto Nova Luz, citando diversas vezes que, para ela, o Projeto é utópico, e que ela tem pouco conhecimento – quase nenhum – sobre como o projeto impactará em sua empresa.

A gente não é informado de absolutamente nada. Na verdade, a falta de informação é uma coisa muito incômoda na sua vida, porque não existe informação. Existe um monte de projetos que a gente não sabe se são reais, se utópicos, se são de sonhadores, de loucos, porque... Ter um projeto e não ter, na atual circunstância, acho que é a mesma coisa. Ninguém informa nada. Então a gente não sabe nada. É, existe uma associação da Santa Ifigênia, é claro. A gente recebe uma série de informações deles, mas ninguém é comunicado. (informação verbal)<sup>27</sup>.

Miriam também citou diversas vezes que a prefeitura não toma atitudes visando erradicar tal fenômeno, a não ser quando é de seu interesse, como quando acontece eventos importantes na região com participação do prefeito, como acontece no Sala São Paulo.

Agora o que mais irrita é assim: [...] Amanhã o prefeito passará aqui. Ai vem a polícia de noite e “tchá, tchá, tchá”, tira todo mundo da frente. Ai chega todos os garis, limpa a rua inteira. Ai quando passa o prefeito tá tudo lindo, maravilhoso. Arvorezinha nova plantada. Ele sai, pronto, dejetos já começa cair na rua. Humano e reciclável, né? Já voa tudo de novo. Amanhã tem um evento maravilhoso no Sala São Paulo, o governador estará aqui: “Pá” tudo de novo, limpa. Isso é uma piada. Esses caras são ridículos. (informação verbal)<sup>28</sup>.

Além disso, Miriam informou que a “cracolândia” afeta o negócio da empresa negativamente e, novamente, culpou a prefeitura por não tomar iniciativas para resolver o problema.

O impacto é negativo. Eu tenho clientes que se negam de vir até aqui, por um problema que a gente não precisa nem dizer qual é. Tipo, todo dia de manhã eu lavo a rua. Eu lavo a rua. Com água, sabão, tem que passar ácido, eu recolho lixo, porque a prefeitura já não cuida mais disso. [...] Depender de órgão público pra cuidar de alguma coisa não existe. É muito difícil. Pra você ter noção, a calçada foi a gente que fez. Eu troquei o calçamento. Por que a prefeitura não tá nem aí. Então, assim, a gente nunca encontra, é, respaldo deles. Uma outra coisa que eu acho muito chata é essa sensação de

<sup>26</sup> Entrevista realizada com Miriam Ciocler, em São Paulo, em setembro de 2011.

<sup>27</sup> Entrevista realizada com Miriam Ciocler, em São Paulo, em setembro de 2011.

<sup>28</sup> Entrevista realizada com Miriam Ciocler, em São Paulo, em setembro de 2011.

abandono deles e essa falta de... “ok, então vamos revitalizar o centro”. E? Vamos, e ai? Alguém fala alguma coisa? Não, ninguém fala nada. (informação verbal)<sup>29</sup>.

Quanto à cracolândia, a entrevistada demonstrou um sentimento de indignação, tristeza e medo.

A gente já teve arrombamento aqui dentro, eu já tive um prejuízo monetário muito grande aqui dentro. Integridade física também. É claro que afeta. A pessoa que é drogada ela não mede consequências, não é? Qualquer coisa que tenha a capacidade de virar uma pedra de crack é o meu objeto de troca. A sua vida? Se tiver valendo uma pedra de crack pra mim é a mesma coisa. E assim, é complicado. E quem consome trafica. A gente sabe disso. Outro dia eu liguei pra polícia, porque eu queria sair. Eu não consigo sair, porque tem trezentos na minha porta. Eu tenho medo, desculpa. (informação verbal)<sup>30</sup>.

Além disso, ela demonstrou interesse, além de boa vontade, para falar sobre o tema. No entanto, acredita estar de “mãos atadas” e que não há nada que ela e as demais empresas possam fazer.

A gente não pode ter atitude. Porque não tem nada que eu possa fazer pra mexer nesse problema de cunho social. Porque é uma coisa muito delicada. A gente uma vez até questionou internamente: E ai, vamos fazer o que? Vamos pegar dez e vamos... Alguma coisa, né? Vamos dar comida, vamos fazer alguma coisa. Vamos tentar. É, não adianta, não tem nada que você possa fazer, porque não é uma pessoa. E uma coisa que, assim, aumenta em pg. É um horror. É assim, às vezes eu perguntava pra mim mesma, agora você até tá perdendo a sensibilidade. Porque no começo você olhava, você se penalizava. Agora você olha e já nem sente nem que tem, ou seja, o fato de nem sentimento ter é horrível, porque se você fala “Eu odeio”, bom, pelo menos é alguma coisa. Você tem um adjetivo. Agora, não sentir nada, é péssimo. É péssimo. Porque, é, acho que a coisa mais hedionda de um ser humano é não ter sentimento, porque ai é indiferença total. E é horrível isso. Mas a gente não tem como fazer alguma coisa. Porque quem sou eu contra o que é. E às vezes você escuta de outras pessoas dizendo. Na verdade, ai vem aquela manipulação das informações, né? A cracolândia não existe. A prefeitura jogou os drogados nesse bairro. É que nem a gente falar da favela de Paraisópolis no Morumbi. E ai? Me explica. Alguém faz alguma coisa? Tem o que fazer em Paraisópolis? Não, sinceramente, vocês pararam pra pensar? É o mesmo problema em outro bairro. Tem o que fazer? (informação verbal)<sup>31</sup>.

“O problema continua, só mudou de bairro. Isso não adianta, é mascarar o problema. Tipo, jogar poeira em baixo do tapete, passa aspirador e acha que tá tudo bem. Não, não está nada bem. Nada bem. Nada bem.”, disse Miriam durante a entrevista.

<sup>29</sup> Entrevista realizada com Miriam Ciocler, em São Paulo, em setembro de 2011.

<sup>30</sup> Entrevista realizada com Miriam Ciocler, em São Paulo, em setembro de 2011.

<sup>31</sup> Entrevista realizada com Miriam Ciocler, em São Paulo, em setembro de 2011.

### 5.2.2 Entrevista com Eli Jorge de Lima

A Centerplex Cinemas está entre as quinze maiores exibidoras cinematográficas do país. A empresa teve início em 1981 com o antigo Cine São Luiz em Minas Gerais, pelo Eli Jorge de Lima e, assim, transformou-se na São Luiz de Cinemas. Na década de 1990, a empresa passou a se chamar Centerplex Cinemas e seguiu com sua trajetória de sucesso.

A empresa está localizada na Rua do Triunfo. A região e a rua passam a impressão de “descuidadas”, “largadas” e “sujas”. No entanto, o atual grupo Centerplex de cinemas está em um prédio, no nono andar, e este prédio é grande, reformado, bem identificado, com nome do edifício e número, possui portas abertas, diferente da Centauro, que é uma distribuidora e, portanto, possui porta fechada, e tem um recepcionista na entrada, de modo que os visitantes precisam sempre se identificar a partir de nome completo e Registro Geral (RG), para, assim, serem recebidos pelas empresas inseridas nesse edifício.

Ao chegar ao andar do Grupo São Luiz de Cinemas foi possível notar que havia uma porta de vidro com um adesivo com o nome da empresa, facilitando a visualização e identificação. Além disso, essa porta possuía *insulfilm*, de modo que um indivíduo do lado de fora não consegue enxergar o interior da sala, além de passar a impressão de que as luzes estão apagadas. Ademais, havia um interfone ao lado da porta, que estava fechada, de forma que a pessoa deve se identificar novamente antes de entrar, de fato, na sala.

A recepção é pequena, mas limpa, organizada, agradável, bonita e confortável. Havia o balcão da recepcionista, um sofá, uma poltrona, revistas, televisão com *trailers* dos lançamentos da Centerplex, plantas e um relógio. A porta do banheiro é identificada por uma placa no formato de “cacete”. Isso passou a impressão de uma empresa preocupada com a aparência, de modo a gerar um ambiente agradável para os clientes e funcionários.

Por fim, a entrevista ocorreu na sala de reuniões, também identificada com placa em forma de “cacete”, a qual tinha ar-condicionado, uma mesa grande de reunião, televisão, lousa, entre outros, e também estava limpa e organizada.

Dessa forma, é possível notar que, apesar de estar inserida em uma região degradada, a empresa passa a impressão de limpeza, segurança e seriedade.



Durante a entrevista, quando questionado sobre como o entrevistado enxerga a “cracolândia”, Eli respondeu:

Eu vejo muito triste essa parte ai. Isso ai é uma desgraça que, que apareceu acho que num mundo, principalmente aqui no Brasil, que ficou muito famosa aqui em São Paulo, por que acho que é culpa dos próprios governos, né? Nunca olharam desse lado. Se eles tivessem olhado por esse lado não tava acontecendo o que está acontecendo agora, né? Era pegar esse povo ai, levar eles pra algum lugar, pra recuperar eles, dar saúde, cuidar e pronto isso ai. Mas não, eles tão abandonados. E você sabe que o vício, o vício... O vício é uma coisa seríssima, seríssima, que pra você sair dele é muito perigoso. (informação verbal)<sup>32</sup>.

Eli também informou que já foi abordado diversas vezes por moradores de rua, os quais pediam dinheiro para comprar crack.

Dá dó. Já cheguei até a, muitas vezes o cara desesperado me pedir dinheiro e eu ter que dar dinheiro pra num ver desgraça, num vê o cara assaltar, fazer alguma desgraça por causa de 5 reais, 4 reais, pra eles comprarem uma pedra de crack pra fumar. Por que senão, ele tá louco. Eu já cheguei a encontrar uma pessoa quase louca, por isso eu dava a ele 5 reais e ele chorar. Ele chorar por que pegou aquele, aquela, aquele dinheiro e saiu correndo pra comprar, comprar uma pedra pra fumar. Pra você ver o desespero de uma pessoa viciada. (informação verbal)<sup>33</sup>.

Além disso, o Sr. Eli passou uma impressão de indiferença, tanto por parte da empresa como por parte dele, em relação ao fenômeno da ‘cracolândia’. Esse fato pode ser comprovado logo no início da entrevista, quando ele afirmou que a ‘cracolândia’ não impacta na empresa e nem a empresa na ‘cracolândia’.

No meu tempo que eu entrei na cinematografia não existia a crackolândia. Existia aqui um grande movimento e tinha sim o negócio de ponto de drogas. Drogas que vendia. Mas não crackolândia. Depois, passado o tempo, que foi existindo a crackolândia. Pra mim, pra minha empresa, nunca me fizeram mal nenhum. [...] Num tive nenhum problema e não tive problema com eles, viu? Eu trabalho na minha empresa e eles trabalham com o negócio deles. (informação verbal)<sup>34</sup>.

---

<sup>32</sup> Entrevista realizada com Eli Jorge de Lima, em São Paulo, em novembro de 2011.

<sup>33</sup> Entrevista realizada com Eli Jorge de Lima, em São Paulo, em novembro de 2011.

<sup>34</sup> Entrevista realizada com Eli Jorge de Lima, em São Paulo, em novembro de 2011.

No entanto, durante a entrevista, Eli afirmou que a “cracolândia” já exerceu impacto negativo em sua empresa, mas há alguns anos, devido ao número de usuários de crack e traficantes que ficavam nas ruas no final da tarde.

Agora, é claro que num ponto prejudica, por que, vamos supor, agora melhorou um pouco. De uns 2 anos pra cá melhorou um pouco. Por que quando era mais ou menos umas 19 horas, 20 horas isso aqui ficava empestado de gente, né? Pra... Negociando e, além disso, fumando. É, você sabe, o movimento era muito grande. Então tinha, muitas vezes tinha empresários, tinha pessoas que queriam vim pra uma reunião aqui comigo, e já contavam que tinha que sair antes das 18 horas. Eu não marcava com ninguém depois das 18 horas, era antes das 18 horas, por que todo mundo ia embora. Isso foi a única parte que me prejudicou num ponto, isso aí. (informação verbal)<sup>35</sup>.

Para que este problema fosse solucionado, Eli citou que a prefeitura tomou algumas medidas para fazer com que os dependentes químicos migrassem dessa região, fato que contribuiu para tirar os inúmeros usuários de droga que ficavam nas ruas oferecendo perigo para quem passasse pelo local.

Depois que a prefeitura quis fazer a Nova Luz, novos policiamentos, aí começou a diminuir, né? Começaram a correr lá pra outros lados lá e diminuiu um pouco aqui. Mas sempre ainda tem alguma coisa. Mas que me prejudica não. Eu nunca quis saber. Quis saber do meu trabalho. O trabalho deles é o trabalho deles, o meu é o meu. Num quero prejudicar eles, num quero que eles me prejudiquem. (informação verbal)<sup>36</sup>.

Entretanto, ele tem conhecimento de que a prefeitura, que criou o projeto em 2005, ainda não tomou as medidas necessárias para coloca-lo em prática.

Não fizeram nada. Nada. Se tivesse recuperado, claro que isso vai voltar a ser um lugar bonito isso aqui. Ainda vamos acreditar. Ai nós vamos acreditar. Acreditar nessa... Aqui na Nova Luz. Isso aqui é rico. Mas é por esse motivo que você pode ver que meu escritório, eu reformei todinho meu escritório, né? Reformei ele todinho por que eu quero ficar aqui. Mas se continuar enrolando, enrolando eu vou ter que ir embora. (informação verbal)<sup>37</sup>.

---

<sup>35</sup> Entrevista realizada com Eli Jorge de Lima, em São Paulo, em novembro de 2011.

<sup>36</sup> Entrevista realizada com Eli Jorge de Lima, em São Paulo, em novembro de 2011.

<sup>37</sup> Entrevista realizada com Eli Jorge de Lima, em São Paulo, em novembro de 2011.

No entanto, o entrevistado falou como quem acredita que essa situação será resolvida. Ele demonstrou acreditar que o Governo conseguirá revitalizar o bairro, pois, para ele, essa é uma região rica, bonita e com história. Assim, acredita que com a construção da faculdade Fatec o bairro ficará mais bonito e isso vai ajudar a afastar os usuários de drogas da região.

A região da Luz era rica. [...] Pode ser que vai até melhorar por que tá fazendo aqui essa, essa faculdade, essa Fatec aqui, que tá muito grande. Pode ser até que melhore futuramente. Daqui há um ano ou dois. Mas isso daqui era rico, a Santa Ifigênia é rica. É aonde tem todo o eletrônico. Só tá faltando carinho. [...] Acabaram com isso. Quer dizer, que acabaram com o centro da cidade. Quer dizer, que você quer ir no centro da cidade, eu quero ir no centro da cidade, eu tenho medo de ir no centro da cidade. Por que o que que tem? Flanelinha que pode riscar seu carro, cobrar caro e te roubar. Então é por isso que eu digo que o governo tinha que olhar por eles. Isso aqui é rico. Isso aqui é, é uma arte de São Paulo. [...] Até agora tão enrolando, mas eu... Claro que por outro lado eu entendo, entendo que o governo também vai ter muita dificuldade pra desapropriar um local que tem um comércio. Não é assim, sai e fecha, né? Ai entra processo. É difícil. Mas com um pouco de vontade, “não eu quero mesmo”, isso aqui resolve o problema. Tem muita coisa bonita. Eu espero, eu espero. Eu quero ver dentro de cinco anos isso aqui bonito. (informação verbal) <sup>38</sup>.

Durante a análise da entrevista, é possível notar que Eli mostrou-se como alguém indiferente à situação, já que esse fenômeno não impacta a sua empresa. A impressão é de que ele apenas quer que os usuários saiam da região, com ajuda do Governo, mas em nenhum momento preocupou-se, de fato, com o paradeiro futuro desses indivíduos e como eles devem ser tratados. Segundo Eli, “O governo tinha que tomar conta pra limpar, tirar esse povo daqui, dar um lugar pra eles se quiserem fumar pra lá.”.

Ademais, o entrevistado afirmou que o Projeto Nova Luz também não impactará na sua empresa, de modo que o projeto só trará benefícios para a empresa, sem nenhuma preocupação adicional, já que o prédio não possui risco de ser desapropriado. “Continuaria aqui. O Projeto não tá atingindo o prédio não.”

Eli é síndico do edifício e informou que nenhuma empresa inserida no prédio teve problemas relacionados a esse assunto, nem propôs realizar alguma ação relativa ao fenômeno da ‘cracolândia’. Ele afirmou ter interesse em continuar na região e disse já ter a verba necessária para realizar uma reforma no prédio. No entanto, ele está aguardando uma melhora na região, por parte da prefeitura e Governo, de modo que, caso a região continue degradada, sem nenhuma ação, ele afirmou “pensar” em sair da região.

---

<sup>38</sup> Entrevista realizada com Eli Jorge de Lima, em São Paulo, em novembro de 2011.

Nós esperamos, nós estamos esperando. Ver o que tá acontecendo, que eu preciso fazer uma reforma no prédio. Você pode ver que eu já comecei arrumando os elevadores, né? Então o prédio já passou por uma grande reformulação, uma coisa muito bonita. Mas eu estou esperando que o governo faça alguma coisa. Que eles arrumem ai um... “Aqui vai ser isso, vai ser aquilo“, pra eu sentir pra poder arrumar o prédio. [...] Mas nós estamos com verba, estamos com tudo certinho. Só estamos esperando que a prefeitura faça alguma coisa. Se ela vai derrubar aqui na frente, se vai fazer aquele prédio na esquina, se vai, se não vai desapropriar algum lá, o que vai acontecer, pra gente fazer aqui. (informação verbal)<sup>39</sup>.

Assim, embora o entrevistado saiba que os usuários de crack da região necessitam de tratamento, e que este deve ser realizado por parte do governo e da prefeitura, Eli mostrou indiferença em relação a esse assunto, já que não há impacto para ele, nem para a empresa.

### **5.2.3 Entrevista com Marco Jonas**

Essa entrevista foi realizada com Marco Jonas, gerente da Centauro Equipamentos de Cinema e Teatro, empresa em que Miriam Ciocler é diretora do departamento financeiro. No entanto, a entrevista teve como objetivo compreender a experiência de Marco em varejo de rua na região da “cracolândia”, uma vez que ele é ex-gerente da Trancham, empresa em que trabalhou por cerca de 30 anos.

A Trancham S.A., distribuidora de componentes eletrônicos, foi fundada em 1956 e contava com quatro lojas na Rua Santa Ifigênia, sendo uma a matriz, e outra na Rua dos Gusmões. No entanto, em novembro de 2010 empresa faliu e mandou todos os seus funcionários embora, incluindo Marco Jonas.

A entrevista ocorreu na Centauro, na Rua dos Gusmões. Tanto o local como o prédio, já foram detalhados anteriormente na entrevista com Miriam Ciocler. Vale ressaltar que na primeira tentativa não foi possível realizar a entrevista, já que Marco teve um compromisso e não conseguiu comunicar sua ausência. No entanto, essa visita serviu para que pudesse conversar rapidamente com a secretária do estabelecimento, a qual se mostrou disposta a passar algumas informações assim que o propósito da pesquisa foi explicado.

A secretária informou que está a apenas três meses na empresa, mas que todos os dias fica muito aliviada no final do expediente, pois sabe que vai sair daquela região, visto que já presenciou muitas situações “fortes e pesadas”. Segundo ela, os funcionários mais antigos

---

<sup>39</sup> Entrevista realizada com Eli Jorge de Lima, em São Paulo, em novembro de 2011.

contam que antigamente haviam muitos dependentes químicos na rua, e as pessoas tinham que desviar e pular para não pisar em pessoas jogadas no chão, sem saber se estas estavam vivas ou não. Ela também contou que na segunda feira de carnaval apenas a Centauro funcionou normalmente e a rua ao lado foi fechada, de modo que todos os “drogados” e “mendigos” ficaram na rua do Triunfo, lotando-a. Ela contou que quando chegou para trabalhar tinham muitas pessoas jogadas no chão, mas que se impressionou com uma mulher que estava deitada, suja de sangue, vômito e urina, dizendo que não conseguia identificar ao menos se ela estava viva, o que a deixou muito assustada e com medo.

Um fato que a impressiona bastante é o número elevado de mulheres grávidas, que, segundo ela, corresponde a aproximadamente 70% das mulheres que são dependentes químicas e vivem naquela região.

Segundo ela, brigas são muito frequentes, o que a assusta muito até hoje. De acordo com a secretária, é comum que os usuários de drogas fiquem na rua, e que é rotina eles sentarem na porta da Centauro, que é de vidro, mas que só é possível enxergar do lado de dentro para fora, de modo que ela fica separada deles apenas por esse vidro dos dependentes químicos, sentindo grande proximidade com estes, fato que a assusta ainda mais.

Já na segunda visita, na qual ocorreu de fato a entrevista com Marco Jonas, logo que cheguei na rua dos Gusmões presenciei uma briga entre moradores de rua por causa de vinte reais que um homem devia para o outro, o que me assustou muito, já que isso ocorreu na calçada da frente da Centauro. Além disso, notei que haviam muitos dependentes químicos na rua, principalmente na esquina. No entanto, havia muitas viaturas de polícia na região, tendo visto mais de dez no caminho do metrô da Luz até a rua do Triunfo.

Após pouco mais de cinco minutos de espera, Marco me recebeu em uma sala do andar superior, ampla, organizada e com diversos computadores, para que pudéssemos começar a entrevista.

Logo no início Marco informou que quando começou a trabalhar na Trancham, na rua dos Timbiras, não tinha esse problema do “crack”, já que isso foi em 1982, e que naquela época haviam apenas prostitutas. Já em 1993 eles mudaram para a rua dos Gusmões, onde ficaram até 2007.

Segundo ele, o ano 2000 foi marcante, já que as pessoas começaram a se concentrar mais nas ruas. Assim, ele conta que foi a partir desse ano que começaram a surgir problemas decorrentes do uso de crack na região.

De 2000 pra cá começou a ficar... Começou a atrapalhar a gente, a circulação tanto das pessoas, dos transeuntes. Por que eles usam (crack) e ficavam aqui na rua mesmo, parecia um, umas pessoas... Sabe aquele filme do Michael Jackson lá, que parece que o pessoal tá tudo dançando e cantando lá? [...] Parecia que aquilo lá mesmo, igualzinho. Não tinha o que tirar. (informação verbal)<sup>40</sup>.

Assim, a atitude tomada não veio da prefeitura, e sim dos lojistas que se sentiram incomodados com aquela situação que estava atrapalhando o comércio, já que, de acordo com Marco, eles atrapalhavam “na ordem das vendas, do cliente, de entrar dentro da loja, por que eles ficavam sentados na porta da loja, né? Usando o crack, né?”. Assim, o proprietário da Tracham, em acordo com outros empresários, contrataram seguranças particulares, os quais, nas palavras de Marco, “ficavam espantando eles (dependentes químicos), pra ficar circulando pra um canto, empurrando pra outro.”.

Além disso, Marco citou que as ações recentes da prefeitura e da Polícia Militar fizeram com que estes usuários de droga apenas se espalhassem pela região, mas que os seguranças tornam a espantá-los, de modo a não atrapalhar o comércio.

Mesmo depois que eles saíram daqui e foram pra outro lugar, agora tão voltando novamente a circular de novo, né? Parece que quando eles tavam na Rua Ivete lá, parece que foi chutado o formigueiro [...] espalhou pra tudo quanto é lado. Agora eles voltaram de novo pra cá, de novo. Mas os seguranças espantam eles, ficam andando de lá pra cá. (informação verbal)<sup>41</sup>.

Marco também cita que a prefeitura, antigamente, não demonstrava se importar com esse problema social, e que, mesmo com a Polícia Militar realizando rondas na região, não era suficiente, o que levou à contratação dos seguranças.

A prefeitura, vou falar uma sinceridade pra você, ela não tava nem ai. Não digo dos homens, a Polícia Militar sempre tava ai constante, vindo. Espantava, recolhia, mandava... Mas, chegou num ponto que a gente foi obrigado a colocar as pessoas ai, por que a gente não tem a polícia. Vamos colocar um exemplo assim, [...] 8 horas de trabalho que a gente ficava aqui, não tinha polícia 8 horas constantemente, né? Mas ai apareceram umas empresas na rua, de segurança particular, né? E foi colocando as pessoas, né? E foi circulando. Mas, quanto à prefeitura mesmo, naquela época lá, não. (informação verbal)<sup>42</sup>.

Marco também se mostrou muito sensibilizado com os problemas que envolvem a “cracolândia”, durante a entrevista, e isso ocorreu em diversos momentos da entrevista.

<sup>40</sup> Entrevista realizada com Marco Jonas, em São Paulo, em março de 2012.

<sup>41</sup> Entrevista realizada com Marco Jonas, em São Paulo, em março de 2012.

<sup>42</sup> Entrevista realizada com Marco Jonas, em São Paulo, em março de 2012.

Tem muito pai de família, muita criança, pessoas idosas. A gente fica aqui de manhazinha, quando chega no serviço, quando a gente fica parado aqui na porta pra entrar, você vê as pessoas. [...] É triste, triste. É triste por que hoje eu não tenho ainda um ente querido, mas podia ter alguém, né? No meio, né? Como tem de muitas... Pais de família, filhos, né? Mães. Você vê que tem mãe aqui, gestante, que tá usando crack. Meninas novas acabam se destruindo por causa da droga, por usar droga. Apanham, batem, morrem. Entendeu, são assassinadas. É, o negócio não é fácil não. Eu fico comovido. (informação verbal)<sup>43</sup>.

Além disso, ele citou que se sente incapaz de fazer alguma coisa para ajudar a resolver esse problema, já que a prefeitura acaba sendo uma barreira para que isso ocorra.

Na nossa sociedade, a gente fica com a mão atada, né? Por que a gente procura ajudar, e quando a gente procura ajudar acaba encontrando algum empecilho. Que a própria prefeitura, por exemplo, se você vem aqui a noite e dá um cobertor, ou dá uma sopa pra eles, por exemplo, você consegue dar no primeiro dia, segundo dia, mas eles vem, falam que você não pode continuar dando, por que a prefeitura acho que já dá. Entendeu? (informação verbal)<sup>44</sup>.

Ele também cita que diversas Organizações Não Governamentais (ONGs) e igrejas realizam ações na região, visando o bem-estar desses indivíduos.

Você vê que tem alguns órgãos que vem e fazem [...] no mês passado ai, teve uma ONG que veio e fez churrasco pra eles [...] Fizeram um churrasco ai, deram cobertor, tal. Teve ai um mês, dois meses atrás ai, uma ONG também veio ai com ambientalista, médico, fizeram um trabalho também pra quem quisesse se recuperar. [...] Tem igrejas, evangélicas. Tem bastante, muitas, muitas vem ai fazer um trabalho espiritual, vem trazer alimentos pra eles. (informação verbal)<sup>45</sup>.

Quanto à antiga empresa em que trabalhava, a Trancham, Marco diz que eles distribuíam alimentos para os moradores de rua, mas que essas ações foram interrompidas devido ao comportamento dos próprios usuários de droga.

A gente dava alguma coisa [...] Não em espécie, né, em dinheiro. Mas uma comida, um marmitex, a gente comprava, a bebida, café com leite, pão. A empresa dava o café com leite e a gente dava uns copos de café com leite pra eles, eles ficavam sentados na porta. Alguns não incomodavam, mas sempre tem alguns que eram revoltados. [...] Muitas vezes a gente procurava dar alimento pra alguns deles, uma hipótese, né? Dava alimento pra algum deles

<sup>43</sup> Entrevista realizada com Marco Jonas, em São Paulo, em março de 2012.

<sup>44</sup> Entrevista realizada com Marco Jonas, em São Paulo, em março de 2012.

<sup>45</sup> Entrevista realizada com Marco Jonas, em São Paulo, em março de 2012.

e... A gente dava café e pão todo dia, né? E muitas vezes essa pessoa usava droga, chegava na porta da empresa e começava a incomodar. “A, num sei o que...”, e fazia algazarra, brigava com os funcionários, brigavam com os clientes que estavam na porta. Queria invadir, queria falar alto. Entendeu? Criticar, xingar... E você era obrigado a tomar uma atitude mais drástica, né? Pedindo pra pessoa não fazer isso. Ai o que acabava acontecendo? A gente acabava deixando de dar alimento pra essa pessoa, por causa dessa ignorância, né? (informação verbal)<sup>46</sup>.

No entanto, ele disse que agora a prefeitura começou a tomar algumas atitudes, mas que ainda é muito difícil, já que não é simples lidar com os usuários de drogas e que essa é uma situação, na maioria dos casos, sem volta.

A própria prefeitura agora, parece que tá encaminhando alguns pra tratamento. É difícil. Se não tiver uma paciência, não tiver amor, não tiver carinho, não se consegue. Por que não é na base da ignorância que você vai conseguir alguma coisa, com isso. Felizmente. (informação verbal)<sup>47</sup>.

Além disso, Marco citou que já aconteceu de dependentes químicos entrarem na loja para roubar e ele ter que tomar alguma atitude. Ele contou também que o vigia que ficava na loja no período da noite também já passou por situações embaraçosas, que envolviam perigo de vida.

Já entraram dentro da empresa pra roubar. Eu mesmo já peguei uma situação de um deles é... alguns ficarem na porta, um entrar dentro da loja, circular dentro da loja, colocar numa sacola as peças, né? Eu percebia pela câmera, né? Pelo visor, da pessoa pegando, colocando dentro da sacola. Eu chegar e esbarrar essa pessoa. [...] E eu falava assim, eu não vou chamar a polícia pra você porque não vai adiantar, um pobre coitado desses. Pegava a mercadoria, colocava no lugar e falava “oh, você nunca mais aparece aqui”. Eles tentaram [...] entrar a noite, tinha um vigia nosso que ficava a noite, e ele ficava a noite lá e quando ele abria a porta, ficava no meio da rua e quando ele ia colocar o lixo pra fora ele tinha que pedir licença. Por que era, tipo assim, era mais de cem sentado na porta, por exemplo, assim de largura de cinco metros, sentado ali. [...] Entraram com ele lá dentro, [...] com o vigia lá dentro. Armados, tentaram matar o vigia, aquela confusão. Roubaram mercadoria. (informação verbal)<sup>48</sup>.

Além disso, Marco afirma que essas situações eram constantes, mesmo com os seguranças na rua e o vigia da loja, e que, quando os usuários de droga entravam no estabelecimento e

<sup>46</sup> Entrevista realizada com Marco Jonas, em São Paulo, em março de 2012.

<sup>47</sup> Entrevista realizada com Marco Jonas, em São Paulo, em março de 2012.

<sup>48</sup> Entrevista realizada com Marco Jonas, em São Paulo, em março de 2012.



começavam alguma confusão ou tentativa de furto, eram abordados pelo segurança e colocados para fora. No entanto, muitos deles afirmavam que estavam sendo agredidos, o que, segundo Marco, não era verdade. Assim, o segurança ou funcionário da loja apenas chamavam eles em um canto e pediam para eles irem embora, mas isso não adiantava, pois voltavam pouco tempo depois.

Quando questionado sobre as ações da prefeitura e da Polícia Militar, bem como o Projeto Nova Luz, Marco afirmou que essas ações estão funcionando, mas ainda pode melhorar e ser mais eficiente, e enfatizou a parte social que envolve esse problema, a qual ainda deixa muito a desejar.

Olha, tá funcionando. Mas não tá funcionando 100%. Pra mim, funcionar 100% tem que tá tudo as ruas limpas, né? Os prédios já, que foram tombados já estarem sendo habitados. Por que eles fecham. Por exemplo, aqui nessa rua mesmo, aqui, fecharam a empresa, de estacionamento, entendeu? E as pessoas invadiram. Montaram um monte de barraco, aqui na rua. E pra tirar essas pessoas agora? Do lado tinha um prédio que a prefeitura também tombou, né? [...] Tá lá, invadiram também. Tem não sei quantas famílias morando lá dentro do prédio, aqui... E ai? Tem outro prédio aqui que começaram a fazer, que ia fazer moradia pras pessoas, pra pessoa ficar sentada aqui no centro [...] Tá só o esqueleto ali. Daqui a pouco invade também. Então, vamos dizer vai... 70% das ações que tão fazendo que foram bem feitas, né? Mas ainda falta uns 30% ainda, que tá falando esse detalhe da parte social. Tá faltando muito. Essas ações da polícia de pegar os traficantes, essas coisas, tá sendo... Tão correndo atrás, tão prendendo. Mas a parte social, que é a parte humana, né, das pessoas, tá muito a desejar. Tão tudo largado na rua. (informação verbal)<sup>49</sup>.

Assim, percebe-se que ele está satisfeito com as ações da Polícia Militar, a qual, segundo ele, esta sempre realizando rondas na região, seja em viaturas, a pé ou em cavalos, no caso da polícia de choque, principalmente no período da manhã, em que há maior concentração dos dependentes químicos nas ruas. No entanto, falta ações da prefeitura, já que a Polícia Militar é responsável pela parte preventiva.

Por enquanto ainda, quando a polícia tava ai ainda tava na fase preventiva, né? Então vai fazer o que? Vai pegar as pessoas e vai levar pra onde? O que a prefeitura tá fazendo nesse sentido ai? Tem ações sociais? Tem! Mas o que tem acho que ainda não é suficiente ainda, né? Por que o negócio é mais

---

<sup>49</sup> Entrevista realizada com Marco Jonas, em São Paulo, em março de 2012.

fundo, né? Acho que eles não pensaram que a situação tava tão feia assim. (informação verbal)<sup>50</sup>.

Por fim, Marco afirmou que, apesar do maior destaque que foi dado para a cracolândia no início desse ano, ainda há muito o que se fazer para que esse problema, que persiste há quase vinte anos, esteja próximo de ser solucionado.

Então, esse ano aqui eles pegaram firme, né? Mas ainda tem muito trabalho pra eles fazerem ainda. Muito, muito trabalho. O estado que tá hoje, as pessoas ai, os usuários, uma situação que em alguns casos vai ser irreversível, né? O que eles vão fazer com essas pessoas? A pergunta é essa, né? Tem algum remédio pra isso? Vai passar a mão na cabeça e a pessoa vai sarar? Acho que não, né? O trabalho ai vai ser muito árduo pra eles. Vai penar. Se não vai ser uma coisa que a gente vai ver agora essa ação... Uma outra daqui um ano, quem sabe... Tipo, vão maquiando, né? Infelizmente é isso. (informação verbal)<sup>51</sup>.

Assim, Marco finalizou a entrevista com a frase acima, o que mostra que para ele a fase preventiva teve sucesso, mas agora é preciso focar no tratamento e reinserção social dos dependentes químicos, o que é responsabilidade da prefeitura de São Paulo.

Vale ressaltar que após a entrevista, logo que sai da Centauro, percebi um tumulto na rua, especificamente na esquina da rua dos Gusmões com a rua do Triunfo, e haviam diversos curiosos comentando sobre uma briga que tinha acabado de acontecer entre moradores de rua. Pessoas diziam: “ninguém separa” e “Deus me livre trabalhar aqui”, o que mostra que mesmo com a polícia no local, esse tipo de situação acontece com frequência (vide a discussão entre os dependentes químicos citada no anteriormente), e deixam as pessoas muito assustadas.

---

<sup>50</sup> Entrevista realizada com Marco Jonas, em São Paulo, em março de 2012.

<sup>51</sup> Entrevista realizada com Marco Jonas, em São Paulo, em março de 2012.

## 6 CONCLUSÕES SOBRE AS ANÁLISES

A partir da análise das publicações da Folha de SP de 1999, é possível inferir que a mídia deu grande ênfase ao movimento migratório do crack na cidade de São Paulo, de modo que foi mostrada a real consequência das ações da Polícia Militar realizadas no ano anterior e já citadas anteriormente, comprovando que este é um problema muito mais complexo e que não bastam apenas operações policiais que visam encontrar usuários de drogas, prender traficantes e fechar estabelecimentos para solucionar o problema da cracolândia.

Assim, a migração de usuários de drogas e traficantes para áreas próximas à cracolândia mostra uma falha, já que as ações policiais, como a Operação Limpa, principal operação realizada na cracolândia em 2005, fazem com que traficantes e usuários de drogas deixem a região por um curto espaço de tempo, espalhando-se para áreas próximas ao centro, levando insegurança a essas regiões. Entretanto, com o fim dessas ações, os moradores de rua que consomem e traficam retornam ao local, o que mostra que tais ações geram resultado apenas no curto prazo, sendo, desse modo, ineficiente. Vale ressaltar que tal fenômeno migratório se estendeu para os anos seguintes, sendo possível identifica-los até os dias atuais.

Além disso, com o intuito de recuperar a região central, novos projetos para levar cultura, comércio e moradia à cracolândia foram apresentados à prefeitura, assim como projetos de transferência do Palácio das Bandeiras e da sede do Governo para a região, por exemplo, no ano de 1999, o que mostra que, apesar do pequeno foco dado a essas ações, estas já se faziam presentes no final do século XX. Assim, isso mostra que os órgãos responsáveis diretamente por recuperar a região – a Prefeitura da cidade de São Paulo e Polícia Civil e Militar – começaram a buscar novas alternativas para solucionar o problema de consumo e tráfico de drogas da região da cracolândia, já que as ações policiais interventivas não surtiam efeito no longo prazo.

Já em 2002, o Governo e a Prefeitura de São Paulo notaram que uma alternativa promissora para revitalizar a região seria através da recuperação de prédios antigos e degradados localizados na região. Para isso esses prédios foram transformados em museus, praças, salas de exposições, teatros, cinemas, bibliotecas e salas de concerto, como o Sala São Paulo, estimulando um movimento populacional para a região, de modo a criar uma nova alternativa para afastar o consumo e tráfico de drogas da cracolândia.

No entanto, foi nos anos de 2002 e 2003 que surgiram os primeiros projetos para desapropriar estabelecimentos na região da cracolândia com o intuito de revitalizá-la.

Além disso, o fato da Folha de SP ter publicado poucas matérias sobre a cracolândia em 2003 e, em especial, em 2004, mostra que houve um “esquecimento” por parte da prefeitura e da polícia daquela região. Um dos principais motivos pode ser o fato de ações tidas como bem sucedidas já terem sido implementadas no centro de São Paulo nos anos anteriores e terem gerado resultados positivos, o que levou a uma menor preocupação por novas alternativas e planos para recuperar a área.

Assim, infere-se que as ações interventivas realizadas pela polícia deveriam ter continuado com a mesma intensidade, assim como os projetos de revitalização deveriam ter sido abordados e colocados em prática nesses anos, uma vez que se trata de um assunto delicado e complexo, que envolve o uso e tráfico de drogas, bem como a degradação de uma área importante da cidade de São Paulo.

O temor causado pelo anúncio da prefeitura sobre a desapropriação de estabelecimentos na cracolândia, que teve início em 2005, pode ser observado tanto nas matérias publicadas pela Folha de SP (2005), como na análise da entrevista com Miriam Ciocler, já que ela afirma que a prefeitura não montou uma estratégia clara e direta para informar os comerciantes da região sobre o Projeto Nova Luz e as desapropriações, nem quais seriam suas reais consequências, o que impactou negativamente, prejudicando a continuidade de tais ações.

As notícias publicadas pela Folha de São Paulo em 2008 citam o Projeto Nova Luz, com a revitalização da cracolândia, e ações policiais, que visam diminuir a insegurança e o consumo e tráfico de drogas no local, assim como o problema do deslocamento do problema do crack para regiões próximas à cracolândia.

Além disso, é possível observar que, apesar dos projetos não terem sido implementados de fato na região da cracolândia, a partir de 2009 foram realizadas inúmeras intervenções da prefeitura e da polícia, as quais passaram a abranger aspectos mais sociais e psicológicos, como tratamento de dependentes químicos e inserção de residências na região, além das ações interventivas já realizadas pela polícia anteriormente, simultaneamente, o que mostra um indício de progresso no que se refere à recuperação da área estudada. Assim, a partir de 2011 é possível observar um aumento de ações sociais, como, por exemplo, inserção de unidades de tratamento para dependentes químicos na região, de modo que os usuários de crack tenham a oportunidade de vencer o vício e se inserir novamente na sociedade.

Visto o grande aumento de publicações na Folha de SP no primeiro mês de 2012, é possível inferir também que o fenômeno vem sendo mais abordado, com estudos mais aprofundados e embasamentos mais relevantes. No entanto, é preciso que os projetos sejam colocados em

prática e que as desapropriações ocorram, de forma que novas empresas e residências sejam instaladas na área.

Através desse fato é possível inferir que, apesar do fenômeno da cracolândia permanecer como um assunto importante que deveria ser tratado com urgência, a falta de organização e descontinuidade dos projetos já apresentados, ou até mesmo a não implementação imediata de tais ações, as quais tiveram seus projetos poucas vezes colocados em prática, contribuíram para que este fenômeno permanecesse até os dias atuais, sendo inseridos nos conceitos de “grau zero da organização” (COOPER, 1986) e “extitution” (SPICE, 2010).

Além disso, é de extrema importância que os moradores de rua sejam vistos como seres humanos e sejam tratados com respeito, o que na maior parte das vezes não ocorre, de modo que estes tenham acesso a tratamento, educação, saúde e moradia, além de terem oportunidade de se profissionalizarem.

Através das análises realizadas, infere-se que o impacto do fenômeno da cracolândia nas empresas localizadas nessa região é negativo, visto que problemas de insegurança foram citados nas três entrevistas realizadas. Assim, infere-se que, apesar das “cracolândia” impactar ou já ter impactado negativamente no trabalho das empresas dessa região, essas não realizam nenhuma ação que vise solucionar este “problema”, uma vez que consideram que não possuem poder nem capacidade para tal feito, de modo que a responsabilidade pela recuperação da área, bem como dos dependentes químicos, segundo os entrevistados, é da prefeitura da cidade e das polícias civil e militar.

Assim, para que tanto os funcionários das empresas como os seus clientes tivessem uma maior segurança, foi necessário contratar seguranças particulares, o que pode indicar um erro ou uma certa revolta por parte das empresas, já que este é um problema do município e que deveria ser solucionado pelos órgãos públicos, e não pelas organizações privadas.

Além disso, há impacto negativo também no que se refere a visitas de clientes nessas empresas, como no caso contado pelo Sr. Eli, em que ele e seus clientes já se programavam para reuniões antes das 18 horas, uma vez que após esse horário o fluxo de consumidores e traficantes de crack aumentava significativamente, aumentando a insegurança.

Ademais, quando considerado o varejo de rua – diferente dos casos da Centauro e do Centerplex – o impacto do fenômeno da cracolândia é ainda maior, visto que há uma maior exposição e proximidade com os moradores de rua. Isso pode ser comprovado pelo relato de Marco Jonas, quando ele afirma que os dependentes químicos muitas vezes “assustavam” e “espantavam” os clientes, além dele já ter presenciado tentativas de furto e roubo, assim como

já terem ocorridos invasões durante a noite e madrugada, situações em que o segurança particular foi colocado como refém e ameaçado.

No entanto, em todas as entrevistas foi possível observar que, embora o problema não tenha sido extinto, houve uma melhora considerável, já que o fluxo de dependentes químicos e moradores de rua na região diminuiu, diminuindo, assim, a insegurança, o que foi consequência das ações da prefeitura e da polícia nos últimos anos.

Entretanto, mesmo com os seguranças particulares e com as ações da polícia, é comum que “confusões” entre moradores de rua aconteçam, como brigas, por exemplo, já que durante uma das visitas à cracolândia pude observar duas brigas envolvendo pessoas diferentes em uma mesma rua.

Além disso, a higiene e limpeza é outro assunto que interfere no funcionamento das organizações, já que, conforme citado pela Miriam, todos os dias pela manhã, antes do horário de expediente, ela precisa limpar a calçada e a entrada da empresa, uma vez que durante a noite estas são sujas pelos moradores de rua.

Vale ressaltar que em entrevista com o Sr. Eli, ele afirmou que não teve nenhum problema com os moradores de rua, já que cada um tem seus interesses, de modo que não há impactos significativos.

No que tange o impacto das organizações privadas no fenômeno da cracolândia, nota-se que pouco é feito por parte das empresas, já que estas consideram que não tem poder e infraestrutura suficientes para auxiliar na resolução deste problema social, como pode ser observado durante as entrevistas.

O Sr. Eli afirmou que nunca realizou ações que impactassem à cracolândia tanto positiva como negativamente, nem outras empresas da região.

No entanto, o Sr. Marco Jonas afirmou que a antiga empresa em que trabalhava, a Trancham, já ofereceu durante uma época comida aos moradores de rua, mas que tal ação se tornou insustentável pelo fato da cobrança e exigência que os moradores de rua passaram a fazer à procura de mais alimentos.

## 7 CONCLUSÃO

A partir dos dados obtidos e analisados anteriormente, nota-se que o “problema” referente ao fenômeno da “cracolândia” persiste a cerca de 20 anos e, apesar de diversas ações das Polícias Militar e Civil e da Prefeitura de São Paulo, segue até os dias atuais sem solução definitiva.

Através dos conceitos de “grau zero da organização” (COOPER, 1986) e “extitution” (SPICE, 2010), nota-se que a região da cracolândia necessita de estratégias de intervenção legítimas, de modo que este fenômeno passe por uma reconstrução, de modo que o estado de desordem seja extinto e, desse modo, este fenômeno passe por regularização, de forma racional, a partir de instituições, tais como as polícias civil e militar, a prefeitura e o Estado de São Paulo.

Dessa forma, observa-se que a mídia contribuiu para a composição do “grau zero da organização” e “extitution” na região da cracolândia, uma vez que através das análises da Folha de SP é possível notar que o fenômeno é descrito como carente de organização, sendo tratado na maior parte das vezes como uma “anomalia” presente em uma das regiões mais importantes da cidade de São Paulo.

A mídia passou a destacar o tema em questão com maior intensidade a partir de 2005, como maior foco nos anos de 2009 e 2011, sendo o mês de janeiro de 2012 o com maior número de reportagens sobre o termo “cracolândia” (Tabela 2), de modo que é possível esperar que no ano de 2012 mais operações da polícia, da prefeitura e do Governo do Estado de São Paulo sejam realizadas, de modo que o fenômeno da “cracolândia” possa ser de fato extinto.

Assim, as análises mostram que para que este problema seja solucionado é necessário realizar, em conjunto, tanto ações policiais interventivas, como sociais e culturais, com foco, principalmente, no Projeto Nova Luz, que visa revitalizar a região central de São Paulo.

Isso ocorre pois, como observado nas análises presentes neste trabalho, operações policiais apenas afastam os usuários de drogas temporariamente para outras regiões. Assim, é de extrema importância identificar e encaminhar os dependentes químicos para tratamento, de modo que cada indivíduo tenha acompanhamento contínuo. Assim, a tratamento dos usuários de crack, prisão de traficantes e inserção e aperfeiçoamento de abrigos para moradores de rua, bem como saúde e educação, atrelados à possibilidade de profissionalização dos mesmo – através de cursos profissionalizantes, por exemplo – são essenciais para que tal problema possa vir a ser solucionado. Também é importante que a área seja de fato revitalizada e que os projetos de recuperação – como o Projeto Nova Luz – sejam de fato implementados. Assim, levando comércio, serviços, moradias, educação e saúde para a região, junto com um

policciamento reforçado e contínuo, haverá uma esperança em recuperar essa região que há aproximadamente duas décadas sofre com o problema do “crack”.

Assim, através de uma análise aprofundada foi possível inferir que o fenômeno da crackolândia impacta negativamente às empresas dessa região, principalmente no que se refere à segurança, enquanto as empresas não têm impacto significativo neste fenômeno, de modo que nada é feito por estes com o intuito de contribuir para a solução desse problema tão complexo e de cunho social.



## REFERÊNCIAS

- ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE JORNAIS. *Maiores Jornais do Brasil*. Disponível em: <<http://www.anj.org.br/a-industria-jornalistica/jornais-no-brasil/maiores-jornais-do-brasil/>>. Acesso em: ago. de 2012.
- Bardin, Laurence. *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1988.
- Caregnato, R. C.; Mutti, R. *Pesquisa Qualitativa: Análise de Discurso Versus Análise de Conteúdo*. Rio Grande do Sul, 2006.
- CENTAURO CINEMA. *História*. São Paulo, 2012. Disponível em: <[http://www.centauro-cinema.com.br/Centauro\\_2008/](http://www.centauro-cinema.com.br/Centauro_2008/)>. Acesso em: jan. 2012.
- CENTERPLEX CINEMAS. *Institucional*. São Paulo, 2012. Disponível em: <<http://www.centerplex.com.br/institucional/>>. Acesso em: jan. 2012.
- Ciscati, M. R. (2003). *Malandros na Terra do Trabalho: malandragem e boêmia na cidade de São Paulo*. São Paulo: Editora Annablume.
- Cooper, R. (1976). The Open Field. *Human Relations*, 29(11): 999:1017.
- Cooper, R. (1986). Organization/Disorganization. *Information Science Information*, 25(2): 299-335.
- Cooper, R. (2005). Relationality. *Organization Studies*, 26(11): 1689-1710.
- Cooper, R. (2006). Making Present: Autopoiesis as Human Production. *Organization*, 13(1): 59-81.
- Cooper, R. (2007). Organs of Process: Rethinking Human Organization. *Organization Studies*, 28(10): 1547-1573.
- Cooper, R. (2009). The Generalized Social Body: Distance and Technology. *Organization*, 17(2): 242-256.
- Cooper, R. & Burrell, G. (1988). Modernism, Postmodernism and Organizational Analysis: An Introduction. *Organization Studies*, 9(1): 91-112.
- Foucault, M. (2006). *Estratégia Poder-saber - Ditos e Escritos*, vol. IV, 2ª Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Frúgoli Jr., H., Spaggiari, E. (2010). Da cracolândia aos nóias: percursos etnográficos no bairro da Luz. *Ponto Urbe*. São Paulo, NAU-USP, ano 4, versão 6.0.
- Mingardi, G. (1999). Geography of Illicit Drugs in the City of São Paulo. Discussion Paper - nº 39, *Management of Social Transformations MOST*, UNESCO.

Mosqueira, T. M. (2007). *Reabilitação da Região da Luz Centro Histórico de São Paulo: projetos urbanos e estratégias de intervenção*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo.

Nappo, S. A. (1996). *Baqueiros e Craqueiros: um estudo etnográfico sobre consumo de cocaína na cidade de São Paulo*. Tese de Doutorado em Medicina. São Paulo: Universidade Federal de São Paulo.

Nappo, S. A.; Galduróz, J. C. F.; Noto, A. R. (1994). Uso do “Crack” em São Paulo: Fenômeno Emergente? *Revista ABP-APAL*, 16(2): 75-83.

Nappo, S. A.; Oliveira, L. G.; Sanchez, Z. V. M.; Moura, Y. G. (2010). O Crack em São Paulo, 20 anos depois. *Scientific American*, 38: 32-35.

NOVA LUZ SÃO PAULO. *Projeto Nova Luz*. São Paulo, 2012. Disponível em: <<http://www.novaluzsp.com.br/projeto.asp>>. Acesso em: fev. 2012.

Noy, C. (2008). Sampling Knowledge: The Hermeneutics of Snowball Sampling in Qualitative Research. *Int. J. Social Research Methodology*, 11(4): 327–344.

Pêcheux M. *O Discurso: estrutura ou acontecimento*. 3 ed. Campinas (SP): Pontes, 2002.

Raupp, L. M.; Adorno, R. C. F. (2009). Circuitos de uso de crack na região central da cidade de São Paulo. *Ciência & Saúde Coletiva* Disponível em: <[http://www.abrasco.org.br/cienciaesaudecoletiva/artigos/artigo\\_int.php?id\\_artigo=2668](http://www.abrasco.org.br/cienciaesaudecoletiva/artigos/artigo_int.php?id_artigo=2668)>. Acesso em: mar. 2011.

Rocha, D.; Deusdará, B. *Análise de Conteúdo e Análise do Discurso: aproximações e afastamentos na (re)construção de uma trajetória*. Rio de Janeiro, v. 7, n. 2, jul./dez. 2005.

Spice, A. (2010). Extitutions: The other side of Institutions. *Ephemera*, 10(1): 25-39.

Spoelstra, S. (2005). Robert Cooper: Beyond Organization. *Sociological Review*, 53, esp. issue: 106-119.

Thanem, T. (2001). Processing the Body: A Comment on Cooper. *Ephemera*, 1(4): 348-66.



**APÊNDICE B – Roteiro de Entrevistas**

- 1) Qual seu cargo e seu tempo de empresa?
- 2) Fale um pouco sobre a história da empresa e suas atividades.
- 3) Você conhecia essa região antes da década de 90?
- 4) A região possui alguma importância histórica para a empresa?
- 5) O que é a cracolândia para você?
- 6) Qual o impacto da cracolândia na empresa?
- 7) O que é o Projeto Nova Luz para você?
- 8) O projeto está impactando na empresa de alguma forma?
- 9) A cracolândia ou Nova Luz é uma preocupação por parte da empresa ou funcionários?
- 10) Esse tema é tratado por parte da empresa de maneira formal?
- 11) A empresa desenvolve alguma ação para tratar destes temas?
- 12) Na sua opinião, qual o impacto da cracolândia e da Nova Luz para as empresas nessa região?
- 13) Existe algum tipo de cooperação entre as empresas do ramo de cinema localizadas na região?
- 14) Você conhece quais são essas empresas?
- 15) Tem conhecimento de alguma outra empresa da região que desenvolve ações formais para tratar da cracolândia?